

Revista Ave Maria

Ano 128 | Novembro 2026

A VIDA VENCEU A MORTE

2 DE NOVEMBRO É UM DIA
PARA REZAR, REFLETIR E COMEMORAR



REPORTAGEM

Viver sem medo: um direito de todas as mulheres

SANTIDADE

O desafio dos Santos Negros na busca pela Santidade

ADVENTO

Vigiai: o que o Advento tem a dizer a uma geração distraída

Vestibular

2026.2



Graduação **Ead**

***Para a vida que
acontece agora***

**Flexível de
acordo
com a sua
rotina**



Claretiano 

Inscreva-se

claretiano.edu.br

VIGIAI, O SENHOR ESTÁ À PORTA

Novembro chega devagar, com leve clarão de velas acesas e a lembrança dos que já se foram. No primeiro dia, a Igreja nos faz erguer os olhos para o Céu: a Festa de Todos os Santos nos mostra uma multidão que ninguém pode contar, “de toda nação, tribo, povo e língua” (Ap 7,9), de pé diante do trono do Cordeiro. Não são apenas os nomes famosos dos altares, são avós que rezavam em silêncio, mães que trabalhavam sem reclamar, homens e mulheres comuns que um dia entenderam que a salvação “é obra de nosso Deus” (cf. Ap 7,10) e não mérito de ninguém. No dia seguinte, visitamos os cemitérios; não para chorar como quem não tem esperança, mas para agradecer o que partilhamos e lembrar que a morte, para quem ama é porta, não muro.

É bonito pensar que o mês que começa com essa memória termina com uma espera. Novembro é quando o ano litúrgico se despede e o Advento bate à porta. Nas últimas semanas, a Palavra insiste num único apelo: “vigiai”. As dez virgens esperam o esposo com as lâmpadas acesas (cf. Mt 25,1-13); os servos recebem talentos e são convidados a fazê-los render (cf. Mt 25,14-30); no fim, Cristo Rei nos ensina que o juízo não se mede por grandes discursos, mas por gestos pequenos: “Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber” (Mt 25,35). Tudo o que fizemos a um peque-

nino foi a Ele que fizemos. Vigiar não é ficar de braços cruzados esperando o futuro, é encontrar o Senhor no grito do pobre, no doente que espera nossa visita, em casa, na voz de quem nos pede atenção.

Vivemos um tempo que corre, que enche os dias de ruído e de pressa. As preocupações da vida pesam no coração (cf. Lc 21,34). A gente se ocupa, distrai, esquece do essencial. O silêncio assusta, então, corremos para as telas, para o barulho, para qualquer coisa que nos impeça de parar e pensar.

O Senhor não vem com estardalhaço, não anuncia sua chegada nos jornais ou no time das redes sociais. Ele chega devagar, como quem bate à porta, e espera encontrar a casa em ordem e o coração desperto.

No meio desse caminho, a Igreja nos mostra Maria. No dia 21, celebramos a apresentação da Virgem no templo. Ela, que guardava tudo no coração, ensina a nós que o mais importante não são os laços de sangue, mas fazer a vontade do Pai (cf. Mt 12,50). Maria é quem melhor soube esperar. Foi ela quem preparou, em silêncio, a manjedoura onde o mundo receberia o Salvador.

Advento é isso: parar, limpar o coração, preparar o caminho. Que a chegada do Natal nos encontre vigi- lantes e de coração aberto, prontos para acolher aquele que veio salvar o que estava perdido (cf. Lc 19,10).●



Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

O ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA

ORosário é, por natureza, uma prece orientada para a paz, precisamente porque consiste na contemplação de Cristo, Príncipe da paz e “nossa paz” (Ef 2,14). Quem assimila o mistério de Cristo – e o Rosário visa a isso mesmo – apreende o segredo da paz e dele faz um projeto de vida. Além disso, devido ao seu caráter meditativo com a serena sucessão das Ave-Marias, exerce uma ação pacificadora sobre quem o reza, predispondo-o a receber e experimentar no mais fundo de si mesmo e a espalhar ao seu redor aquela paz verdadeira que é um dom especial do Ressuscitado.” (cf. Jo 14,27; 20,21) [João Paulo II. *Rosarium Virginis Mariae* (RVM), 40]

A VIDA VENCEU A MORTE

2 DE NOVEMBRO É UM DIA
PARA REZAR, REFLETIR E COMEMORAR

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

- 5** A DEVOÇÃO MARIANA
COMO EXPRESSÃO DA
FÉ DO POVO DE DEUS

- 6** ESPAÇO DO LEITOR

REFLEXÃO BÍBLICA

- 8** O ESPÍRITO SANTO NO
EVANGELHO DE MATEUS

- 10** ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

- 12** SANTO ANDRÉ DUNG-LAC,
SACERDOTE, E COMPANHEIROS
MÁRTIRES VIETNAMITAS

MÚSICA SACRA

- 14** MUSICALIDADE E GENTILEZA

CONCÍLIO VATICANO II

- 16** OS DECRETOS DO CONCÍLIO
VATICANO II: RENOVAÇÃO
E MISSÃO DA IGREJA

ESPECIAL ANO CORDIMARIANO

- 18** O CORAÇÃO DE MARIA, DE
ONDE NASCE O LOUVOR QUE
ERQUE OS PEQUENINOS

REINO DE DEUS

- 24** A BOA ADMINISTRAÇÃO DAS
RIQUEZAS E DO REINO

SANTIDADE

- 26** O DESAFIO DOS SANTOS NEGROS
NA BUSCA PELA SANTIDADE

ADVENTO

- 28** VIGIAI! O QUE O ADVENTO
TEM A DIZER A UMA
GERAÇÃO DISTRAÍDA

FÉ

- 30** QUAL LUÇAR DEUS OCUPA NA
SUA VIDA?



REPORTAGEM

- 32** VIVER SEM MEDO: UM
DIREITO DE TODA MULHER

IGREJA DIGITAL

- 36** DIA MUNDIAL DAS
COMUNICAÇÕES SOCIAIS DE
2027: "UM NOVO OLHAR:
'PRESTAR ATENÇÃO' NA
ERA DO CLICKBAIT"

VIDA EM COMUNIDADE

- 38** ÁGAPE, A VIVÊNCIA
DOS CRISTÃOS

CRÔNICA

- 40** CAPITAL AFETIVO: O QUE
GUARDAMOS DE QUEM
PASSA POR NÓS

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

- 48** SANTUÁRIO NOSSA SENHORA
DO PERPÉTUO SOCORRO (PR)

- 50** PALAVRA DO PAPA

CATEQUESE

- 52** CATEQUESE PARA TODOS:
COMO INSERIR CRIANÇAS
NEURODIVERGENTES NA
COMUNIDADE DE FÉ

ETERNIDADE

- 54** VIDA ETERNA: A ESPERANÇA
QUE NOS MOVE

JUVENTUDE

- 56** A COBIÇA TEM RAÍZES NO
CORAÇÃO DO HOMEM E
FERE O CORAÇÃO DE DEUS

SAÚDE

- 58** DOE SANGUE E SALVE VIDAS!

RELAÇÕES FAMILIARES

- 60** A FAMÍLIA E SUAS
INSTABILIDADES NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

VIVA MELHOR

- 62** TRANSTORNO DO DÉFICIT DE
ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
E CONCENTRAÇÃO: SETE
ESTRATÉGIAS PARA O DIA A DIA

EVANGELIZAÇÃO

- 64** UM REINO DE JUSTIÇA E DE PAZ

- 66** SABOR & ARTE NA MESA

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Lúis Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaías Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP,
01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaías Silva Pinto, Pe. Lúis Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdecio Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

PIC MATTI / Pexels

f / revistaavemaria

@ revistaavemaria

revistaavemaria.com.br

A DEVOÇÃO MARIANA COMO EXPRESSÃO DA FÉ DO POVO DE DEUS

♦ Cleyson Fellipe, sdb* ♦

Quando se fala em devoção mariana, fala-se igualmente de formas de expressão de fé para com Maria utilizadas, sobretudo, pelo povo simples, que reconhece na mãe de Jesus o amparo em todos os momentos da vida.

A piedade é uma das características da devoção mariana, que na maioria das vezes é vivida na simplicidade: um olhar dirigido com confiança a uma imagem da Virgem, uma promessa, uma peregrinação rumo a um santuário mariano, um Rosário rezado com confiança, uma novena etc. Por meio dessas ações, o povo não só expressa sua fé, mas reconhece em Maria um porto seguro onde pode ancorar.

A devoção mariana tem na pastoral da Igreja um lugar especial, pois retrata o jeito simples de expressar a fé; simples na sua aparência, mas rico na sua profundidade. Quando se trata da devoção popular, o povo de Deus nutre um carinho peculiar para com a Virgem. Reconhece a sua presença materna nas diversas circunstâncias da vida, sabe que diante da dor poderá contar sempre com ela e encontra a coragem para continuar caminhando, mesmo ferido e com o coração entristecido. Ao longo da história, Maria tornou-se a esperança dos que não têm esperança. Na oração da Salve-rainha, os devotos dirigem-se confiantes a Maria e rezam: “Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve!”.

A devoção mariana é um lugar teológico justamente por ser também um lugar de encontro com Cristo. Em cada ato expresso por meio da devoção, o fiel redescobre-se como um filho amado e querido por Deus. Em Maria, Deus se revela na ternura maternal de uma mãe, no cuidado e no aconchego dos braços de uma mulher judia, pobre e marginalizada, assim, a devoção mariana encontra uma particular adesão nos corações e nas vidas dos pobres, dos injustiçados, dos desamparados, dos aflitos, pois eles



Imagem: Matea Gregg / Unsplash

se identificam com a condição de vulnerabilidade em que viveu a mãe de Jesus. Foi numa situação de pobreza material, numa família humilde, de uma aldeia desconhecida, que Deus quis fazer-se morada.

Maria, por sua vez, foi a cooperadora por excelência na ação redentora de Cristo, por isso, a devoção mariana é, antes de tudo, um reconhecimento da ação do Pai em Maria na encarnação do Verbo e na cooperação da Virgem no mistério divino da salvação. Desse modo, a devoção mariana tornou-se lugar teológico onde os fiéis releem a história da salvação. Não se pode prescindir de um amor a Maria que conduz o fiel à experiência de fé com o mistério de Cristo. Ama-se Maria para amar ainda mais o Filho que ela gerou, nosso Deus e Senhor.●

***Cleyson Fellipe, sdb** é religioso da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, professor licenciado em Filosofia e Pedagogia pela Universidade Salesiana de São Paulo. Graduando em Teologia, pelo Studium Theologicum, em Curitiba – PR. Associado da Academia Marial de Aparecida. É autor de alguns livros de Espiritualidade Mariana, publicados pelas Editoras Canção Nova e Santuário. Coordenou o curso de extensão, em Espiritualidade Mariana, da Universidade Salesiana de São Paulo.

COMO OBTER INDULGÊNCIA PLENÁRIA NA COMEMORAÇÃO DOS FIÉIS DEFUNTOS?

CONHEÇA AS ORIENTAÇÕES DA IGREJA PARA VIVER ESSE
GESTO DE FÉ E ORAÇÃO NO PERÍODO DE FINADOS

♦ Da Redação ♦

Novembro é um tempo especial de oração por aqueles que já partiram. Na Comemoração dos Fiéis Defuntos, celebrada em 2 de novembro, e nos primeiros oito dias do mês, a Igreja oferece aos fiéis a possibilidade de obter indulgências plenárias em favor dos falecidos.

O que é a indulgência plenária?

É a remissão total da pena temporal devida pelos pecados cuja culpa já foi perdoada. Trata-se de um dom da misericórdia de Deus, concedido por meio da Igreja, que não substitui a confissão nem dispensa a conversão. Nas práticas indicadas a seguir, a indulgência é destinada exclusivamente às almas do purgatório.

Quando e onde obtê-la?

• De 1º a 8 de novembro:

Visitar piedosamente um cemitério e rezar pelos falecidos, mesmo que apenas mentalmente.

• No dia 2 de novembro:

Visitar piedosamente uma igreja ou um oratório e rezar o Pai-Nosso e o Credo. Em ambos os casos é necessário cumprir



Imagem: Jacob Anson / Unsplash

também as condições indicadas abaixo.

Quais são as condições?

Além de realizar uma das visitas, o fiel deve ter a intenção de obter a indulgência, estar em estado de graça e rejeitar todo apego ao pecado, inclusive ao venial. Também é necessário:

• Receber o Sacramento da Reconciliação:

A confissão pode ser feita em dias próximos, antes ou depois da visita. Uma única confissão pode servir para a obtenção de várias indulgências plenárias;

• Receber a Comunhão Eucarística:

Recomenda-se comungar durante a Missa, preferencialmente no mesmo dia da visita. Para cada indulgência plenária é necessária uma comunhão;

• Rezar pelas intenções do Papa:

Pode-se rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, ou outra oração de sua devoção. Recomenda-se fazê-lo no mesmo dia da visita, renovando essa oração para cada indulgência.

Atenção: em regra só é possível obter uma indulgência plenária por dia. A visita ao cemitério permite obtê-la em cada dia de 1º a 8 de novembro, desde que sejam cumpridas as condições.

Mais que cumprir orientações, esse é um convite à conversão e à caridade: confiar os falecidos à misericórdia de Deus e fortalecer nossa esperança na ressurreição. ●

QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO
Envie uma mensagem pelo
nosso site ou uma carta para:
Rua Martim Francisco, 636, 2º andar,
Santa Cecília, São Paulo,
CEP 01226-002

Linha Sazonais



Em 2027, sua fé começa aqui.

ACESSE O NOSSO SITE **AVEMARIA.COM.BR**
E NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

O ESPÍRITO SANTO

NO EVANGELHO DE MATEUS

♦ Pe. Antonio Ferreira, cmf ♦

No Evangelho de Mateus, o Espírito Santo está presente desde o início da história de Jesus até a missão confiada aos discípulos. Sua ação revela que a salvação é iniciativa de Deus: Jesus vem ao mundo por obra do Espírito, realiza sua missão em comunhão com o Pai e envia a Igreja a fazer discípulos entre todos os povos.

O termo grego “πνεῦμα” (“*pneuma*”), traduzido por “espírito”, está relacionado ao verbo “πνέω” (“*pnéō*”), “soprar”. A palavra pode significar “vento”, “sopro” ou “espírito” e assume diferentes sentidos conforme o contexto. Quando Mateus fala do Espírito Santo, “*pneuma*” designa a presença e a ação de Deus, que acompanha Jesus e sustenta a missão de seus discípulos. Essa perspectiva ajuda a perceber que o Espírito, no Evangelho, não aparece como uma realidade abstrata, mas como presença viva e atuante na história da salvação.

A primeira referência aparece no relato da concepção de Jesus. Mateus afirma que Maria estava grávida “por obra do Espírito Santo” (Mt 1,18.20). A repetição su-

blinha que a origem de Jesus se encontra na iniciativa de Deus e na ação do Espírito. O evangelista relaciona esse acontecimento à promessa do Emanuel, “Deus conosco” (Mt 1,22-23): no nascimento de Jesus, Deus se aproxima e entra na história humana.

No Batismo de Jesus, o Espírito de Deus desce sobre ele como uma pomba, enquanto a voz do Pai o proclama Filho amado (cf. Mt 3,16-17). A cena manifesta a identidade e a missão de Jesus. Em seguida, conduzido pelo Espírito ao deserto, Ele enfrenta e vence as tentações (cf. Mt 4,1-11).

**Jesus permanece fiel
ao Pai e à Palavra.
Mateus apresenta,
assim, o Espírito
como presença que
acompanha e orienta
a missão do Filho**

Essa ação também se torna visível na obra de Jesus. Quando os fariseus atribuem ao poder do mal uma libertação realizada por Ele,

Jesus fala do “Espírito de Deus” e do Reino que chega (cf. Mt 12,22-28). A ação do Espírito manifesta a vitória de Deus sobre aquilo que aprisiona a pessoa. O episódio também adverte contra fechar o coração à ação divina e chamar de mal aquilo que conduz à libertação e à vida (cf. Mt 12,31-32).

O Espírito também se manifesta como auxílio aos discípulos. Diante da perseguição, Jesus lhes assegura que, nos momentos de provação, contarão com a ação do Espírito: “o Espírito de vosso Pai falará em vós” (Mt 10,19-20). Essa promessa sustenta o testemunho e fortalece a perseverança. O Espírito é a presença do Pai que acompanha a comunidade em sua missão, especialmente quando o caminho se torna exigente.

No encerramento do Evangelho, Jesus ressuscitado envia os discípulos a todas as nações, mandando batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). O Batismo insere a pessoa na vida de Deus e a chama a assumir a missão de colaborar para que o Reino de Deus se torne presente em todas as realidades para



que a vida floresça, a dignidade seja reconhecida e o amor encontre caminhos concretos. Fazer discípulos inclui ensinar a guardar os ensinamentos de Jesus e confiar em sua presença “todos os dias” (Mt 28,20).

O Evangelho de Mateus apresenta, em seus relatos, uma compreensão viva da presença e da ação do Espírito Santo: o Espírito está na origem de Jesus, acompanha sua missão, sustenta o testemunho dos discípulos e integra a missão da Igreja. Essa presença conduz a Cristo, fortalece a fidelidade ao Filho e impulsiona a continuidade de sua obra na vida e na missão da comunidade.

Essa perspectiva ilumina também a vida da Igreja e de cada cristão. O Espírito sustenta o testemunho, fortalece nas provações e ajuda a comunidade a permanecer fiel ao Evangelho. Sua ação alcança o coração de cada batizado, favorecendo a conversão, a oração, o serviço e a perseverança. A tradição cristã reconhece essa presença especialmente na Palavra de Deus, na vida sacramental e na comunhão da Igreja.

O Espírito Santo, por tudo isso, é presença viva de Deus na Igreja e em cada batizado. É dom que continua a agir na história e a renovar a missão recebida de Jesus. A missão confiada pelo Senhor em Mateus continua quando os cristãos anunciam o Evangelho e traduzem a fé em gestos de amor, serviço e cuidado. Reconhecer a ação do Espírito significa permanecer disponível àquilo que Deus realiza na história e assumir, com coragem e fidelidade, a missão de continuar o caminho de Jesus. ●

Referências

GALAZZI, Sandro. *Mateus*. São Paulo: Paulus, 2013.
HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O Evangelho de São Mateus*. São Paulo: Paulus, 2014.

PAPA LEÃO XIV PASSA POR CIRURGIÀ PARA RETIRADA DE TUMOR NO PULMÃO

O Papa Leão XIV foi submetido, em 13 de outubro, a uma cirurgia para retirada de um tumor no pulmão direito, no Hospital Gemelli, em Roma. O procedimento transcorreu sem complicações e o pontífice recebeu alta no dia 17 daquele mês.

Em comunicado divulgado no mês passado, a Santa Sé informou que os exames confirmaram um adenocarcinoma pulmonar localizado. Segundo a avaliação da equipe médica, não

havia necessidade de tratamento adicional após a operação. A nota foi assinada pelo médico pessoal do Papa, Luigi Carbone, e pelo cirurgião, Stefano Margaritora.

Durante a recuperação, Leão XIV retomou gradualmente seus compromissos. Na primeira audiência-geral após a cirurgia, em 21 de outubro, agradeceu aos fiéis pelo apoio e pelas orações recebidas.●

Fonte: com informações de Vatican News



Imagem: Vatican Media / Vatican News

JMJ SEUL 2027: INSCRIÇÕES JÁ ESTÃO ABERTAS PARA PEREGRINOS DE TODO O MUNDO

As inscrições para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de Seul 2027 já estão abertas. O processo teve início em 22 de outubro e permite que peregrinos de todo o mundo se inscrevam para o encontro internacional de jovens com o Papa, que será realizado na capital da Coreia do Sul.

O formulário está disponível em seis idiomas: coreano, inglês,

espanhol, francês, português e italiano. Para garantir a alocação de hospedagem, a inscrição e o pagamento dos pacotes com acomodação devem ser realizados até 31 de maio de 2027. Após essa data, será possível se inscrever apenas nos pacotes sem hospedagem.●

Fonte: com informações da CNBB



Imagem: osopaulo.org.br

DOSSIÊ *FIDES* APONTA CRESCIMENTO DE CATÓLICOS E SACERDOTES NO MUNDO

Publicado por ocasião do 100º Dia Mundial das Missões, celebrado em 18 de outubro, o Dossiê *Fides* 2026 apontou crescimento no número de católicos no mundo. Segundo o levantamento, com dados referentes a 2024, a população católica chegou a 1,422 bilhão, um aumento de 16,69 milhões em relação a 2023, e representou 17,8% da população mundial. Houve crescimento em todos os continentes, com destaque para a África, que registrou 7,58 milhões de fiéis a mais.

O número de sacerdotes voltou a crescer após cinco anos, chegando a 407.421, um acréscimo de 425 em relação ao levantamento anterior. Os aumentos na África, na Ásia e nas Américas compensaram as quedas na Eu-

ropa e na Oceania. Em contrapartida, o total de religiosas caiu para 580.131 e o de seminaristas maiores, para 103.604. A África foi o único continente que apresentou crescimento nesses dois grupos.

O relatório também destacou o avanço da participação dos leigos na missão da Igreja. O número de missionários leigos chegou a 463.079, enquanto o de catequistas alcançou 2,89 milhões. Além da atuação pastoral, o dossiê registrou uma ampla presença católica na educação e cerca de 101 mil instituições de saúde, caridade e assistência social, entre hospitais, creches, orfanatos e casas de acolhimento. ●

Fonte: com informações do Vatican News



Imagem: Josh Applegate / Unsplash



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



24 DE NOVEMBRO



Imagem: Nueyob / Wikipedia

SANTO ANDRÉ DUNG-LAC, SACERDOTE, E COMPANHEIROS MÁRTIRES VIETNAMITAS (†1839)

DICA DE LIVRO



**MÁRTIRES E SANTOS DO
CALENDÁRIO ROMANO,**
de Enrico Pepe, publicado
pela Editora Ave-Maria.

“A Igreja vietnamita com os seus mártires e mediante o seu testemunho pôde proclamar a sua vontade e o seu empenho de não repelir as tradições culturais e institucionais legais do país; ao contrário, declarou e demonstrou que quer encarnar-se nelas, contribuindo com fidelidade para a verdadeira edificação da pátria¹.”

O atual Vietnã abrange três antigas regiões: Tonquim, no norte; Anam, no centro; e Cochinchina, no sul. O primeiro anúncio do cristianismo chegou à Cochinchina por obra dos missionários portugueses e espanhóis no início do século XVI, mas só no século seguinte começou a tomar consistência.

UMA HISTÓRIA GLORIOSA

Um dos missionários, Alexandre de Rhodes, é considerado o apóstolo fundador dessa jovem Igreja asiática. Foi ele que contribuiu para a codificação do alfabeto da língua vietnamita e fundou as famosas “casas de Deus”, onde acolhia e educava os jovens que desejavam dedicar toda a sua vida à difusão do Evangelho em sua terra, assumindo, por esse motivo, o voto de castidade. O seu trabalho revelou-se preciosíssimo, sobretudo quando sobrevieram as perseguições. Em 1645, o Padre de Rhodes foi expulso, mas seus discípulos continuaram a obra evangelizadora.

Em 1669, os jesuítas retornaram e permaneceram no país até a supressão da Companhia de Jesus, em 1773. Com eles vieram também os padres dominicanos da província de Manila, nas Filipinas, e os sacerdotes das Missões Estrangeiras de Paris.

A comunidade cristã havia crescido e a Santa Sé constituiu dois vicariatos apostólicos em Tonquim: um na parte ocidental, confiado às Missões Estrangeiras de Paris, e outro na parte oriental,

confiado aos padres dominicanos. Os sacerdotes das Missões Estrangeiras assumiram o cuidado particular das “casas de Deus”, fundaram uma congregação feminina, as Amantes da Cruz, e iniciaram com sucesso a formação do clero local.

Tudo isso acontecia em meio às perseguições. Entre 1625 e 1886 foram promulgados por volta de 53 editos contra os cristãos, com a morte de aproximadamente 130 mil fiéis. Desses, 117 foram canonizados por João Paulo II.

Durante o reinado de Gia-Long (1802-1820), que reuniu em um só Estado Tonquim e Cochinchina, os cristãos tiveram um período de paz. Quando o poder passou para as mãos de seu filho, Minh-Manh, a perseguição tornou-se impiedosa, condenando à morte até quem ousasse esconder os cristãos. Dos 117 mártires canonizados, 58 foram condenados por Minh-Manh.

Outro rei particularmente contrário aos cristãos foi Tuc-Duc, que reinou de 1847 a 1883. Por causa da política colonial francesa, ele nutria uma profunda aversão a tudo o que fosse europeu. Não conseguindo distinguir a fé cristã da política ocidental, propôs-se a exterminar de seu reino o estrangeiro e sua religião.

A PERSEGUIÇÃO DE TUC-DUC

Tuc-Duc estabeleceu que quem colaborasse para a captura de um missionário receberia uma recompensa de trezentas onças de prata. O missionário deveria ser atirado no rio depois de ter o crânio destrocado.

Os sacerdotes locais e os catequistas estrangeiros eram degolados, enquanto os catequistas do

lugar recebiam no rosto a marca “*ta dao*”, que significa “falsa religião”, sendo assim expostos ao desprezo público. Os demais cristãos, se quisessem salvar suas vidas, deveriam renegar a fé, pisando a cruz diante dos juízes.

No edito desse rei, lê-se: “A doutrina de Jesus vem dos europeus; ela proíbe o culto dos antepassados e a adoração dos espíritos. Para enganar o coração dos homens e fascinar os adeptos, ela fala do Céu e de uma água santa. Aqueles que pregam essa má doutrina, sabendo que a lei do reino não pode tolerar semelhantes erros, representam aos olhos do povo a imagem do suplício de Jesus, seu chefe, para seduzir os ignorantes e fazê-los enfrentar a morte sem arrependimento... Quando os cristãos são denunciados são punidos sem misericórdia, mas esses imbecis estão tão profundamente cegos que um grande número permanece ainda agarrado a esta má doutrina”.

Diante da firmeza dos cristãos, Tuc-Duc decretou a dispersão dos católicos, separando os maridos das mulheres e os filhos dos pais, mandando-os para regiões distantes, entre os pagãos, e confiscando todos os seus bens. Além disso, fazia estampar na face direita do rosto as letras “*ta dao*” e, na face esquerda, os nomes da região para onde eram enviados.

Calcula-se que, naquele período, desapareceram cerca de 50 mil cristãos, embora o decreto não tenha sido aplicado ao pé da letra em todas as províncias do reino.

O TESTEMUNHO DOS MÁRTIRES

Dos 117 mártires canonizados, oito são bispos, cinquenta são sa-

cerdotes e 59 são leigos. Quanto à nacionalidade, 96 são vietnamitas, onze são espanhóis e dez são franceses.

Entre os leigos, encontram-se muitos pais de família, uma mãe, dezesseis catequistas, vários chefes de comunidade, quatro médicos e seis militares. A seguir, algumas notícias sobre suas vidas.

SANTO ANDRÉ DUNG-LAC

André Dung-Lac nasceu no norte do país em 1795. Tornou-se catequista e, depois, sacerdote. Foi martirizado em 1839 e encabeça a lista no calendário litúrgico tanto pela veneração de que desfruta em seu país quanto pelo exemplo luminoso que deu durante toda a vida.

FIDELIDADE À FÉ E À PRÓPRIA CULTURA

Na homilia da canonização dos mártires vietnamitas, João Paulo II destacou uma característica particularmente significativa da experiência dessa Igreja: “Os mártires vietnamitas (...) semeando entre as lágrimas, na realidade iniciaram um diálogo profundo e libertador com a população e com a cultura da sua nação... (Eles) afirmaram com vigor sua vontade de lealdade às autoridades do país, sem contrariar tudo o que era justo e reto; ensinaram a respeitar e a venerar os antepassados, segundo os costumes da sua terra, à luz do mistério da ressurreição”.●

Referências

¹JOÃO PAULO II. *Homilia da canonização dos mártires vietnamitas*. Citado em: LODI, E. *I santi del calendario romano*. Cinisello Balsamo: Ed. Paoline, 1990. p. 627.

²PETTINATO, G. *I santi canonizzati del giorno*. v. XI. Udine: Edizione Segno, 1991. pp. 283-284.

◆ Ricardo Abrahão ◆

A musicalidade que rege a gentileza é aquela que se encontra servindo ao amor compassivo, em que o outro é o instrumento necessário para que os acordes da benevolência encontrem ressonância. O músico litúrgico tem uma única batuta na mão, a gentileza; do contrário, toda e qualquer manifestação sonora, ainda que bela, torna-se narcísica e sem vida, porque o outro importa menos que seu eu atrofiado em vaidade. A música, sendo gentil, gera vida e transforma as angústias em humildade e esperança. ●



OS DECRETOS DO CONCÍLIO VATICANO II: **RENOVAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA**

♦ Lino Rampazzo* ♦

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) teve como objetivo a renovação da vida eclesial, aprofundando a compreensão da sua missão. Para alcançar esse objetivo, além de quatro constituições e três declarações, o Concílio promulgou nove decretos, que tratam de aspectos concretos da vida e da missão do povo de Deus.

Os decretos conciliares possuem caráter pastoral e disciplinar: procuram traduzir a renovação conciliar em práticas concretas, considerando as necessidades da Igreja e os desafios da evangelização.

A RENOVAÇÃO DA VIDA ECLESIAL

Entre os decretos, destaca-se *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. O documento ressalta a responsabilidade dos pastores na condução das dioceses, a importância da colaboração entre os bispos e a necessidade de uma ação pastoral atenta às realidades humanas e sociais. A missão episcopal deve ser exercida em comunhão com o Romano Pontífice e em favor do povo de Deus.

O Decreto *Presbyterorum Ordinis*, sobre o ministério e a vida dos presbíteros, aprofunda a identidade sacerdotal, destacando a pregação da Palavra, a celebração dos sacramentos e o serviço à comunidade. Os presbíteros são chamados a viver em comunhão com seu bispo e a exercer o ministério com dedicação pastoral, espiritualidade e compromisso com a evangelização.

Por sua vez, o Decreto *Optatum Totius*, sobre a formação sacerdotal, propõe a renovação dos estudos e dos processos formativos nos seminários. A formação deve integrar as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral, preparando os futuros sacerdotes para responder adequadamente às exigências da missão eclesial.

O Decreto *Perfectae Caritatis*, dedicado à conveniente renovação da vida religiosa, convida os institutos religiosos a retornarem às fontes da vida cristã e à inspiração original de seus fundadores, adaptando suas formas de vida às condições dos tempos atuais. A fidelidade ao Evangelho e ao carisma próprio deve caminhar juntamente com a necessária renovação.

A MISSÃO EVANGELIZADORA E O DIÁLOGO

A dimensão missionária recebe especial atenção no Decreto *Ad Gentes*, decreto sobre a atividade missionária da Igreja. A missão não é uma tarefa secundária, mas pertence à própria natureza da Igreja, enviada por Cristo para anunciar o Evangelho a todos os povos. O documento valoriza a ação dos missionários, a formação das comunidades cristãs e a inserção respeitosa da mensagem evangélica nas diferentes culturas.

O Decreto *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo, representa um marco na busca da unidade dos cristãos. Reconhece que existem elementos de santificação e de verdade nas outras comunidades cristãs e incentiva o diálogo, a oração e a colaboração, sem renunciar à identidade católica. A unidade desejada não significa uniformidade, mas comunhão na verdade e na caridade, conforme a vontade de Cristo.

Já o Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais Católicas, valoriza suas tradições litúrgicas, espirituais e disciplinares. O documento reafirma a importância de preservar a

riqueza dessas igrejas, manifestando a catolicidade como unidade que acolhe legítimas diversidades.

O APOSTOLADO DOS LEIGOS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos, reconhece a responsabilidade própria dos fiéis leigos na missão da Igreja. Pelo Batismo e pela Confirmação, eles participam da missão evangelizadora e são chamados a transformar as realidades temporais segundo o espírito do Evangelho. A família, o trabalho, a cultura, a política e a vida social constituem campos importantes desse apostolado.

Por fim, o Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social, aborda a importância da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão e de outros instrumentos de comunicação. O decreto reconhece suas possibilidades para a evangelização e a formação humana, mas também destaca a responsabilidade ética de quem produz, transmite e recebe conteúdos.

ATUALIDADE DOS DECRETOS CONCILIARES

Mais do que documentos destinados a um período histórico específico, os decretos expressam uma compreensão dinâmica da missão eclesial. Sua aplicação exige fidelidade ao Evangelho, discernimento diante das mudanças culturais e compromisso com a dignidade humana, assim, o Concílio Vaticano II permanece como referência para uma Igreja que, consciente de sua identidade, busca anunciar Jesus Cristo, servir à humanidade e testemunhar a unidade na diversidade. ●

***Lino Rampazzo** é doutor em Teologia e professor no curso de Teologia da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista (SP).



Imagem: Rafik Wahba / Unsplash



O CORAÇÃO DE MARIA, DE ONDE NASCE O LOUVOR QUE ERGUE OS PEQUENINOS

♦ Pe. Brás Lorenzetti, cmf* ♦

O presente artigo não tem a pretensão de ser “científico” no sentido exato do termo, conforme as produções acadêmicas. É antes a expressão do próprio tema que se caracteriza pela postura do povo simples em relação ao Imaculado Coração de Maria. Pretende, sim, descrever singelamente o sentir do povo e quanto é importante a devoção cordimariana para a vida e a fé das pessoas, especialmente as sofredas.

A devoção popular ao imaculado coração de Maria tem suas raízes na Bíblia e vem de longa data na história. Nos últimos tempos, porém, tem alcançado uma abrangência e desenvolvimento extraordinários. Isso certamente tem suas motivações, o que seria tema para outro estudo.

SIGNIFICADO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

O coração de Maria é um dos símbolos mais reverenciados do catolicismo, chegando a despertar interesse até mesmo em pessoas de outros credos. Esse interesse leva, muitas vezes, a aderir à fé cristã-católica. Além de aparecer na literatura bíblica, o conceito “coração de Maria” está profundamente enraizado na cultura popular. Algumas das características do coração imaculado de Maria são: pureza na fé, amor incondicional e total entrega a Deus.

Coração, no sentido bíblico, é o órgão onde são guardadas as lembranças afetivas e de fé, capazes de integrar a pessoa. O Papa Francisco, na Carta encíclica *Dilexit Nos*, afirma que o coração é o órgão em que a pessoa faz a síntese vital e que a crise de aridez atual do mundo é consequência de não dar ao coração o seu verdadeiro e real valor¹. O termo “imaculado”, sem mácula ou mancha, refere-se à pureza total de Maria, seja pela sua obediência e dedicação total à missão recebida, seja pela sua pureza de intenção e objetivo de vida e pela concepção sem o pecado original.

IMPORTÂNCIA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Quando falamos do coração imaculado, falamos da totalidade da pessoa de Maria em plena disponibilidade ao projeto do Pai. Nesse sentido, Maria, pura de todas as manchas, é vista não só como um modelo de fé e santidade, mas também como um apelo à busca da pureza espiritual no sentido da liberdade que é estar totalmente sob os cuidados de Deus; é falar da obediência à palavra (cf. Lc 1,38), pois ela alimenta a nossa fé; é falar de viver a compaixão, simbolizando isso no amor materno pela humanidade; e, finalmente, assim como temos em Maria uma intercessora poderosa também sejamos intercessores por nossos irmãos, como também pelas grandes e urgentes causas da humanidade.

Para indicar a importância da devoção ao imaculado coração de Maria, vale observar sua celebração em diversas datas, diferentes nomes e práticas espirituais e devocionais. Mais do que uma devoção é um convite à reflexão sobre a nossa entrega pessoal a Deus num mundo de tantos apelos à autossuficiência e autorreferencialidade.

DE ONDE NASCE A DEVOÇÃO DO CORAÇÃO DE MARIA?

Historicamente, a origem da devoção ao coração de Maria remonta às aparições de Fátima, no século XX, e surge com um sentido reparador, devido à influência do clima da segunda guerra mundial (1939-1945); espiritualmente, a motivação era desagravar os pecados e ofensas da humanidade aos sagrados corações. Com o passar do tempo foram aparecendo diferentes formas de reparação: por meio dos primeiros sábados de cada mês, recitação de rosários, novenas e tríduos etc.

Desagravar os corações ofendidos se tornou um elemento importante da espiritualidade popular das pessoas devotas. Ao mesmo tempo em que se constituía uma espécie de obrigação, a recompensa viria com a promessa de uma vida feliz neste mundo e o Paraíso na eternidade.

Se a devoção de fato é relativamente recente, as suas raízes remontam às origens da própria Igreja, como consta no Evangelho de Lucas: “E Maria conservava todas essas

coisas em seu coração” (2,19.51). À medida que a história avança, apareceram os grandes apóstolos marianos, como São Bernardo, Santa Gertrudes, Santa Brígida, São Bernardino de Sena, São João Eudes e Santo Antônio Maria Claret, entre outros.

A partir daí, a literatura religiosa, sobretudo por meio dos escritores marianos, está repleta de referências à “docilidade ao coração de Maria”. A própria oração da Salve-Rainha qualifica Maria como “doce”, doçura que desperta o desejo de ouvir muitas vezes esse nome. A forma muito divulgada, rezada e cantada, inclusive entre os claretianos, são as jaculatórias: “À vossa proteção recorremos, santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita. Amém!”.

Algumas expressões marianas que indicam o grande amor pelo povo à Virgem Maria, e que são muito amadas pela espiritualidade popular e firmadas na história, são: “Quem é esta que surge como a aurora, bela como a Lua, brilhante como o Sol, temível como um exército em ordem de batalha?” (Ct 6,10). É a essa doçura que nos referimos ao constatar que o povo cristão vê no coração de Maria um motivo de louvor, por ser Maria a mais próxima de Deus e, ao mesmo tempo, mais próxima dos mais simples e pequenos. É por essa “doçura” que o povo fiel e pequenino se sente atraído e apaixonado. É o que sugere e oferece o nome de Maria a quem o invoca sob o título do seu coração imaculado.

A DEVOÇÃO NO SENTIR DO POVO

A devoção ao imaculado coração de Maria atrai pessoas de todas as classes, mas especialmente das mais simples, como forma de expressão de carinho e devoção. Nessa busca há, primeiramente, uma identificação do cristão com a mãe, pois todos se sentem verdadeiramente filhos e, como tais, expressam uma confiança que está na base de toda oração.

Se o objetivo imediato da devoção, normalmente, é a solução de conflitos, a busca da paz, a proteção e o consolo espiritual, o objetivo último é alcançar a salvação eterna. Aí o coração de Maria exerce um papel de mediação, presente no dia a dia das pessoas de todas as classes sociais.

No sentir do povo, quando se conhece uma pessoa próxima de alguém que tem poder, há grande probabilidade de alcançar sucesso ao pedir-lhe favores. Assim acontece também na vida espiritual: Maria, além de ter um coração bondoso, atento, compassivo e acolhedor, também se encontra, mais que todas as criaturas, próxima de Deus, a quem, em última análise, são dirigidos os nossos pedidos. Como nenhuma mãe deixa de atender o filho, a certeza de ser atendido na fé é imensa.



Imagem: Alexander Mass / Unspalsh

OS DESGOVERNOS ATRAEM AO CORAÇÃO

Com frequência, na história, os governantes foram condescendentes com os abastados, mas duros e impiedosos, quando não exploradores e opressores, dos pequenos e desvalidos.

Nesse sentido, a relação entre súdito e senhor, em grande parte da história, tem sido de distanciamento e medo. Essa experiência histórica negativa entre governantes e súditos fez com que o distanciamento fosse projetado para a espiritualidade. Reflexo dessa atitude de autoritarismo e medo, aliada à imagem de um Deus distante e castigador, também foi cultivada na espiritualidade de muitos pregadores, muito embora as Sagradas Escrituras não se cansem de transmitir a imagem de um Deus misericordioso e compassivo que faz aliança com seu povo, um Deus “rico em misericórdia” (Ef 2,4-5), “misericordioso e compassivo” (Sl 103,8).

A misericórdia é uma forma de aproximação ao coração de Maria, pois ela é “Mãe de Misericórdia”, como diz a oração da Salve-Rainha. O povo simples se sente representado quando São Tiago afirma que “o juízo será de misericórdia para quem usou de misericórdia” (2,13), mas o contrário também é verdadeiro: “o juízo será sem misericórdia para os que não usaram de misericórdia” (2,13). Uma crença popular, confirmada pelas Escrituras, diz que mesmo que os opressores não

paguem aqui, vão pagar diante do juízo de Deus, pois dele ninguém escapa e mais, quando o diabo fecha uma janela, Deus, através da Virgem Maria, abre uma porta.

CORAÇÃO QUE ACOLHE OS PEQUENINOS

Os pequeninos representam as crianças, mas também aqueles que professam a fé, acolhem o Reino de



Deus, com algumas qualidades como a pureza e a dependência de Deus. A frase “Deixai vir a mim os pequeninos” (Mt 19,14) tem um significado profundo, literal e simbolicamente. No Evangelho, Jesus se refere às crianças e a seu lugar especial no coração de Deus, mas também a todos aqueles que se aproximam do Senhor com corações humildes, dependentes e confiantes, como o de uma criança. A máxima valorização vem da expressão “E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe” (Mt 18,5).

Assim é que os pequeninos, diante da prepotência dos grandes, possuem ao menos uma mãe. Os seus devotos são acarinhados, compreendidos, recebem afeto e estão sempre ao seu lado; o coração de Maria jamais julga, por pior que seja a miséria humana ou a história pessoal. Filho continua sempre sendo filho, seja na infância ou no avançado da idade, no sucesso ou nos revezes; filho é sempre filho, não muda, especialmente para um coração de mãe. Assim, os pobres e pequeninos sentem-se felizes por possuir uma mãe. Não é sem motivo que a grande maioria dos devotos, romeiros ou caminheiros da fé, são capazes de grandes sacrifícios para estarem perto

da mãe, seja como forma de gratidão, reconhecimento ou cumprimento de alguma promessa.

Se falamos do acolhimento materno, podemos também falar de retribuição e reconhecimento como as caminhadas da fé, as romarias aos santuários, envoltas em sacrifícios; o Rosário diário e as “mil ave-marias”, todas formas de devoção, elevada a um alto grau.

Nas décadas passadas, falava-se em Terço diário; hoje já é uma prática corrente o Rosário diário na madrugada, tudo isso tendo como motivação o cultivo da espiritualidade e o sentir a presença materna daquela que acolhe sem julgamento e sem exigências. Para pertencer ao “clube” do coração de Maria não é necessário nenhum título, nem mesmo escolaridade, apenas confiança sem limites. É desse coração da mãe do Céu que o povo sente nascer o louvor que lhe traz tanta paz e alento.

UM LOUVOR REZADO E CANTADO

Outra fonte de inspiração, afeto, carinho e amor ao coração de Maria vem dos cantores e poetas que surgem nos meios populares. As músicas são formas privilegiadas de manifestação do amor ao coração de Maria, pois unem inspiração poética, ritmo, letra e harmonia, além de constituírem uma fórmula perfeita para expressar essa relação do coração da mãe com os seus filhos, recebidos como herança do alto da cruz, durante a paixão do Senhor (cf. Jo 19,26-27).

As músicas marianas estão entre as mais belas e inspiradoras do cancionário religioso, pois, além de falarem de Maria, sempre são uma referência a Jesus. Falam do amor materno e incondicional da mãe por todos nós, seus filhos. Podemos elencar nesse rol desde os compositores clássicos, que não cansamos de ouvir, até os populares, pois com suas can-

ções cantamos juntos, já que falam ao coração. Algumas são verdadeiras joias da espiritualidade cristã, outras se constituem em verdadeiras catequeses marianas e da doutrina cristã.

Por falar em catequese, as músicas marianas desempenham um papel muito importante na Igreja porque, além de atribuir louvores à mãe de Jesus, vão marcando a história ao longo dos tempos, por estarem sempre presentes nas celebrações litúrgicas e encontros, especialmente ao fim de grande parte das celebrações, no mês de maio e em datas específicas.

Vale lembrar que os poemas são outra forma de manifestação do carinho e do afeto do povo de Deus para o louvor ao coração de Maria. Não são somente poetas e cantores religiosos que produzem e gravam peças marianas, mas também artistas dos mais diversos gêneros; poetas, cantores populares de renome nacional estão entre os que se inclinam diante das grandezas do coração de Maria.

LOUVOR QUE ERGUE OS PEQUENINOS

O louvor erguido pelos pequeninos é o mesmo que os ergue, isto é, que lhes dá força e energia para lutar em meio às mais desafiadoras carências e adversidades da vida. O consolo expresso nos cantos, poemas e artes

é o mesmo experimentado ao ouvir a frase de Jesus “deixai vir a mim os pequeninos” (Mt 19,14).

No passado, tanto as crianças como os empobrecidos não eram considerados. Hoje melhorou a condição das crianças, mas a dos pobres está igual, senão pior. Com o advento do cristianismo e a vivência da fé a situação mudou muito, no sentido de defender os pequeninos em todos os sentidos, pois os que vivem a inocência e a pureza de coração colocam sua total confiança em Deus.

Os pequeninos, os que nada têm, os que não se deixam desanimar encontram no coração de Maria a sua força para a luta. Teologicamente, podemos afirmar que Deus se deixa encontrar pelo grito dos pequenos e necessitados que clamam pela intercessão do Imaculado Coração de Maria³.

O louvor encontrado no coração de Maria e que ergue os pequeninos tem como fundamento a certeza de que Deus vai retribuir muito mais do nada que se tem agora nesta vida. Pode-se viver a pobreza de bens aqui neste mundo, mas a certeza da riqueza das graças no alto, e o coração de Maria é caminho para alcançar essa meta. Aí, mais uma vez, o coração de mãe é uma aproximação de Deus, pois nela são superadas todas as di-

cotomias e exclusões. Se a imagem de Deus, transmitida pela tradição, é a de Senhor absoluto, Maria, como a criatura mais próxima dele, realiza esse contraponto que, na psicologia do povo, encarna a mulher que tem poder de convencimento e intercede pelos seus filhos, como nas bodas de Caná (cf. Jo 2,1-11).

EXPRESSÕES DO POVO DE DEUS

Numa abordagem simples já foi indicada a profundidade do amor a Maria no coração do povo de Deus. Uma jovem, convertida do judaísmo, disse e mim: “Maria me conquistou!”^{4a}. Outra pessoa raciocinou: “Em Maria, Deus se desmasculiniza. Não que Maria seja uma versão feminina de Deus, longe disso”^{4b}. Para outra, ainda, Maria é modelo de intercessão: é aquela que intercede pelos seus filhos, como na citada expressão das bodas de Caná. Assim como uma mãe faz tudo pelo filho, assim também Maria intercede por seus filhos, pois a mãe conta para o pai o que ele precisa saber: assim crê o povo simples e humilde, que confia mais na ternura da mãe do que na autoridade ou no autoritarismo do pai. Maria é aquela que abranda o coração de Jesus, mesmo sendo ele “manso e humilde de coração” (Mt 11,19). Os evangelhos apócrifos falam que a



Imagem: Ruth Gledhill / Unsplash

presença de Maria transmitia cheiro de rosas, perfume divino, como diz o Protoevangelho de Tiago. Maria é um convite à aproximação com Deus.

OS TÍTULOS E A TERNURA DO CORAÇÃO DE MARIA

Maria é considerada a mãe dos mil nomes, indicação da sua importância na devoção popular: Auxiliadora, Senhora do Carmo, Senhora do Rosário, Senhora das Graças, Mãe do Perpétuo Socorro, imaculado coração de Maria, embora este último não seja um título, mas uma característica da personalidade do coração da mãe de Jesus. Enfim, Maria é mãe com uma imensidão de títulos que fazem parte da história e da vida de muitos povos e comunidades. É ela a mãe sempre disposta a interceder e apoiar os seus filhos em suas necessidades.

Do aconchego ao coração da mãe nascem os sentimentos de louvor dos pequeninos, desde os tempos de Jesus, quando esteve ao pé da cruz e ao acompanhar e proteger a difícil situação da frágil Igreja nascente.

O coração de Maria atrai e ergue os pequeninos diante da masculinização de Deus associado ao poder. A relação de intimidade entre mãe e filho faz com que todos se sintam seus filhos: “Filho, eis aí a tua mãe” (Jo 19,26). Pelo sentimento de mãe, ela abriga a todos; pelo poder de intercessão, não deixa ninguém desamparado. Ao longo da história, o coração de Maria sempre foi um sustentáculo para os pequeninos e desamparados!

O consolo dos pobres e pequeninos é que, pelo menos, eles possuem uma mãe que acolhe a todos, que não faz distinção, que consola nas dificuldades e nos momentos de desespero na vida.

Do coração de Maria é que nascem o louvor, a exaltação e o conforto espiritual de quem vê em Maria aquela que está mais próxima de Deus, mas que, ao mesmo tempo, passou pelas mesmas adversidades que todos passam.

Como expressão do louvor dos pequenos, gostaria de concluir com o hino que ela mesma cantou como forma de gratidão ao Deus que fez tantas maravilhas em sua vida, o *Magnificat*:

*“A minha alma glorifica ao Senhor
e o meu espírito se alegra
em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humilidade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão
bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu Israel seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.
Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo.
Como era no princípio,
agora e sempre.
Amém”
(Lc 1,39-45).*

CONCLUSÃO

O coração de Maria é de onde nasce o louvor que ergue os pequeninos. Não é só o lugar de onde procede ou que motiva o louvor, mas é a fonte que ergue e sustenta os pequeninos, como no *Magnificat*. O cântico de Maria é um espelho para os mais simples, esquecidos e invisíveis da sociedade. Não é só o lugar onde se contempla a

perfeição no devotamento a Deus, mas é um convite a também abrir a mente e sobretudo o coração ao plano divino.

Os devotos retribuem as graças e bênçãos recebidas com manifestações de libertação, diante da conversão alcançada, para si mesmos e para outros. A retribuição vem acompanhada de reconhecimento, votos e promessas. Na devoção ao coração imaculado de Maria encontram amor, reparação e consagração. Os pequeninos honram o imaculado coração de Maria pois ele é símbolo do imenso amor de Deus pela humanidade. Nesse sentido, é mediação poderosa, não no sentido de ser deusa, mas como mãe repleta de virtudes e com um grande poder de intercessão, além de ser também um espelho de todas as suas virtudes e perfeições.

As devoções marianas crescerem muito nestes tempos, que são os últimos (cf. 2Tm 3,1); novas formas de devoção, novas canções, preces e orações enriquecem os manuais das comunidades cristãs. Sem dúvida, todas essas novas formas de oração, desde as realizadas nas madrugadas, as caminhadas na fé, as inúmeras comemorações e celebrações são hoje, mais do que em outros tempos, um espaço privilegiado de encontro, uma verdadeira experiência de Deus.

Quando Jesus ressuscitou e subiu aos Céus, doou até a própria mãe e ela passou a ser a mãe de todos os viventes! ●

Referências

¹ Francisco, *Carta encíclica Dilexit Nos sobre o amor humano e divino do coração de Jesus Cristo* (Roma 2024).

³ *Mater populi fidelis*, Dicastério para a Doutrina da Fé. Nota doutrinal sobre alguns títulos marianos referidos à cooperação de Maria na obra da salvação. Roma, 4 de novembro de 2025.

^{4a} Fiel da Paróquia Imaculado Coração de Maria, São Paulo (SP);

^{4b} Professor da rede pública de Educação, em depoimento pessoal.

LANÇAMENTO BÍBLIA AVE-MARIA

♦ NOSSA SENHORA DE ♦

Guadalupe

Uma capa especial para uma Bíblia
que acompanha sua vida de oração.



ACESSE O NOSSO SITE [AVEMARIA.COM.BR](https://avemaria.com.br) E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA



A BOA ADMINISTRAÇÃO DAS RIQUEZAS E DO REINO

♦ Antonieta Sales* ♦

◆ Orlando Caldeira de Farias Junior* ◆



Imagem: Estátua de São Bento, o Mouro, venerada em Aquedolci. - Catania - Episcopello / Wikipedia

ADVENTO

VIGIAI:

O QUE O ADVENTO TEM
A DIZER A UMA GERAÇÃO
DISTRAÍDA

Imagem: Theo Crazzolara / Unsplash



♦ Alexandre Ferreira Santos* ♦

O Advento costuma chegar ornamentado com luzes, corais e uma espécie de doçura antecipada do Natal. Enquanto vivência cristã, seu horizonte é também uma oportunidade anual para contemplar a inquietante segunda vinda de Cristo. Sim, a liturgia prepara a memória do nascimento de Jesus, só que, ao mesmo tempo, coloca-nos diante da promessa de plenitude do fim dos tempos (cf. Mt 28,20), quando o Senhor aparecerá não como uma lembrança privada, mas como o sentido definitivo da história e do universo.

O tempo do Advento não é uma sala de espera, é um sinal de alerta, um despertador. Na cosmovisão judaico-cristã, o futuro não é um lugar distante para onde vamos, ele é uma locomotiva que vem em nossa direção.

O amanhã de Deus se aproxima. A pergunta não é “quando será?”, mas “você está preparado?”

Isaías, o livro do Antigo Testamento que mais é lido nesse período, encara-nos do abismo. Ele pede que os céus sejam rasgados: “Ah! Se rompesse os céus e descesses!” (Is 63,19). Não é uma oração comportada, é o grito de quem percebe que o mundo perdeu sua forma e que nossos esforços, sozinhos, não conseguem reconstruí-lo. O profeta chama Deus de “Pai Nosso” e “Resgatador”, como um parente obrigado a libertar os seus. Depois, chama-o de oleiro: “Nós somos barro; tu és aquele que nos modela” (Is 64,8). Esperar Cristo é admitir que tudo precisa ser refeito, inclusive nós.

A espera não nos dispensa do esforço conjunto. “Preparai no deserto o caminho do Senhor” (Is 40,3) significa abrir uma estrada ainda na secura. A esperança cristã, longe de ser um anestésico para suportar o caos, é uma obra monumental de engenharia interior e comunitária. Ela consola, reúne os frágeis e cobra do mundo uma ordem mais justa, por isso, Jesus manda vigiar (cf. Mc 13,33). O verbo não indica calcular o fim do mundo, mas permanecer acordado para o momento decisivo, o kairós. Dormir, nesse sentido,

é estar desconectado da realidade, viver como se nada estivesse acontecendo. Vigiar é cuidar das tarefas cotidianas sem perder de vista a chegada daquele que vem.

Assim, podemos ver Maria como paradigma da vida cristã: O seu “faça-se” (Lc 1,38) é desejo e participação ativa, não tem nada a ver com resignação a um destino já traçado. Diante dos séculos de silêncio divino, ela consente que a Palavra comece a ser gestada em seu útero. Também nós somos chamados a trabalhar no chão da história, sem transformar a fé em fuga, nem as corrupções da nossa sociedade em roteiro fechado. O Advento anuncia que Cristo vem e, justamente porque ele vem, cada gesto de cuidado, cada verdade proclamada e cada ferida tratada pode tornar-se uma estrada. Quando chegar, Ele encontrará em nossas mãos pedras que isolaram sua mensagem das pessoas ou caminhos abertos para o grande encontro? ●

***Alexandre Ferreira Santos** é especialista em Filosofia e Pensamento Religioso pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma), dedicando-se à elaboração de projetos pedagógicos para o ensino de humanidades.

◆ Pe. Adelmo Sérgio Gomes* ◆



Imagem: Andrii Leonov / Unsplash

VIVER SEM MEDO: UM DIREITO DE TODA MULHER

Diante dos elevados índices de feminicídio no Brasil, reconhecer os sinais da violência, fortalecer as redes de proteção e defender a dignidade feminina são compromissos de toda a sociedade

♦ Renata Moraes ♦

Imagem: Andreia Cunha / Unsplash

Aos 17 anos, grávida do primeiro filho, Débora Alves iniciou um casamento que se tornaria marcado por agressões, ameaças e medo. A primeira violência aconteceu quando decidiu visitar a mãe, contrariando a vontade do marido. Era o início de um ciclo que duraria anos.

“Depois desse episódio, as agressões passaram a acontecer pelo menos uma vez por ano, principalmente quando ele bebia e inventava situações de ciúmes para justificar a violência. Depois, pedia desculpas, comprava presentes e prometia que aquilo nunca mais aconteceria, mas as promessas nunca eram cumpridas”, recorda ela.

Hoje, aos 50 anos, a mãe de três filhos compartilha uma história de sobrevivência. Enfrentou a dependência financeira, a falta de apoio e a perseguição do ex-marido após a separação. Quando decidiu encerrar definitivamente o relacionamento foi atacada com sete facadas. Sobreviveu e reconstruiu a vida.

Sua trajetória revela uma realidade vivida por milhares de brasileiras. A violência doméstica pode começar com controle, ciúmes excessivos, humilhações e restrições à liberdade, intensificando-se com o tempo.

No Brasil, os números evidenciam a gravidade do problema. Segundo o *Anuário brasileiro de segurança pública* de 2026, o país registrou 1.571 feminicídios em 2025, uma média de 4,3 mulheres assassinadas por dia em razão de sua condição de gênero. No mesmo período foram contabilizadas 4.189 tentativas de feminicídio.

Em 25 de novembro, o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres reforça a urgência de ampliar a proteção e o respeito à dignidade feminina.

A VIOLÊNCIA QUE VAI ALÉM DAS AGRESSÕES FÍSICAS

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) reconhece cinco modalidades de violência doméstica e familiar: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

A violência psicológica pode se manifestar por meio de ameaças, humilhações, manipulação, isolamento social e comportamentos destinados a controlar as decisões da mulher. A patrimonial envolve

situações como retenção de documentos, destruição de objetos pessoais e controle abusivo de recursos financeiros. Já a violência moral inclui práticas como calúnia, difamação e injúria. No ambiente digital, monitoramento de redes sociais, perseguição por mensagens, invasão de contas e divulgação não autorizada de imagens íntimas também ameaçam a privacidade e a segurança das vítimas.

Dados do Ministério das Mulheres mostram que, em 2025, a violência psicológica esteve entre as violações mais comunicadas ao Ligue 180, com aproximadamente 339 mil registros. A violência física somou perto de 104 mil registros, enquanto a patrimonial ultrapassou 36 mil. Uma mesma denúncia pode envolver diferentes formas de violência.

Nem toda agressão deixa marcas visíveis: o medo, a insegurança e a perda de autonomia também atingem muitas mulheres.



Imagem: Ben White / Unsplash

QUANDO A DEPENDÊNCIA FINANCEIRA DIFICULTA A SAÍDA

Para Débora, a dependência econômica foi um dos obstáculos à separação. Sem emprego e cuidando de três filhos, tinha dificuldades para sustentar a família.

“Eu não trabalhava e dependia financeiramente dele. Tentava conseguir um emprego mas não era fácil. Muitas vezes, acabava voltando porque as humilhações que sofria na casa das pessoas que diziam querer me ajudar pareciam ainda maiores do que aquelas que enfrentava com ele”, relata.

A falta de recursos, o medo e a ausência de apoio dificultam a saída de uma relação violenta. O enfrentamento exige medidas de segurança, assistência social, acesso ao trabalho e acolhimento.

Foi por meio de um curso de manicure, pago pela irmã, que Débora encontrou uma oportunidade de transformação. Após concluir a formação, recebeu um convite para trabalhar na própria escola onde havia estudado: “Eu só consegui me libertar daquele relacionamento depois que fiz um curso de manicure e comecei a trabalhar. Foi o início da minha liberdade”, afirma.

Durante as buscas pelo filho desaparecido, Débora conheceu Clarice Barbosa, fundadora da Organização Não-governamental União de Mães do Brasil, que apoia mulheres e famílias. Estava separada havia três anos, mas ainda sofria perseguições do ex-marido.

Clarice a convidou para dar aulas de manicure na instituição, ajudando outras mulheres a conquistar oportunidades. “Clarice nunca soltou a minha mão. Sempre que preciso, ela faz o possível para me aju-

dar, assim como faz por tantas outras mulheres”, conta Débora.

Reconstruir a vida exige apoio, oportunidades e segurança. A independência financeira foi decisiva para Débora, mas não é condição para que uma mulher tenha direito à proteção.

A IMPORTÂNCIA DE PEDIR AJUDA E ENCONTRAR ACOLHIMENTO

Romper uma relação marcada pela violência nem sempre é uma decisão simples. O medo de novas agressões, as ameaças, a dependência econômica, a preocupação com os filhos e até mesmo a vergonha podem dificultar a busca por ajuda.

Em muitos casos, a violência segue um padrão no qual episódios de agressão são acompanhados por pedidos de desculpas, promessas de mudança e períodos de aparente tranquilidade. Essa dinâmica pode alimentar a esperança de que a situação não voltará a acontecer.

A rede de proteção tem papel fundamental para que mulheres em situação de violência encontrem caminhos seguros. No Brasil, o Ligue 180 oferece atendimento gratuito, 24 horas por dia, com orientações sobre direitos, registro de denúncias e encaminhamento aos serviços especializados. Em situações de emergência, a Polícia Militar pode ser acionada pelo número 190.

Delegacias especializadas de atendimento à mulher, defensorias públicas, centros de referência e casas da mulher brasileira também integram a estrutura de atendimento, conforme a disponibilidade



em cada localidade. Além de incentivar a denúncia é preciso ouvir sem julgamentos e garantir informação e respostas efetivas dos serviços públicos. A proteção deve considerar cada caso, sobretudo diante de ameaças, perseguição ou risco à vida.

A DIGNIDADE DA MULHER À LUZ DA FÉ CRISTÃ

Para a Igreja Católica, a defesa da vida e da dignidade humana constitui um compromisso fundamental. A Sagrada Escritura afirma que homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27), reconhecendo a igual dignidade de ambos. Essa compreensão é incompatível com a violência, a humilhação e a submissão pelo medo. Preservar um relacionamento nunca pode estar acima da integridade física e emocional de uma pessoa.

Na Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, São João Paulo II destaca a dignidade e a vocação da mulher, convidando a sociedade a reconhecer seu valor e sua contribuição em todos os espaços da vida humana.

Em mensagem divulgada por ocasião do Dia Internacional da Mulher de 2026, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também chamou a atenção para a violência enfrentada pelas brasileiras, reafirmando a importância do respeito, da proteção e da valorização da vida feminina.

Nesse contexto, as comunidades cristãs são chamadas a assumir uma postura de acolhimento e solidariedade. A escuta atenta, o respeito à história de cada mulher e o encaminhamento aos serviços especializados são atitudes concretas que podem contribuir para interromper situações de violência.

A fé, que para muitas mulheres representa uma fonte de esperança e fortalecimento, não pode ser utilizada para justificar o sofrimento ou exigir a permanência em relacionamentos abusivos. O perdão cristão não elimina a necessidade de responsabilização do agressor nem dispensa as medidas necessárias à proteção da vítima.

RECOMEÇAR É UM DIREITO

Depois de tantos anos de sofrimento, Débora encontrou no trabalho, na fé e no apoio de outras pessoas a possibilidade de construir uma nova história. Atualmente, vive com o filho caçula e segue trabalhando para garantir seu sustento.

“Gostaria de dizer às mulheres que a violência não deve ser aceita nem na primeira vez. Pela minha experiência, depois da primeira agressão, a situação só piorou. Busquem ajuda, estudem, profissionalizem-se e procurem conquistar sua independência financeira. Acima de tudo, amem-se e reconheçam o valor da própria vida”, aconselha ela.

Seu testemunho não apaga as marcas da violência, mas mostra que é possível reconstruir caminhos quando existem oportunidades, acolhimento e proteção. “Nossas vidas são preciosas. Mesmo enfrentando muitas dificuldades, hoje sinto muito orgulho da minha trajetória, porque consegui reconstruir minha vida e viver com dignidade”, conclui.

A história de Débora recorda que enfrentar a violência é um compromisso de toda a sociedade. Proteger a vida e garantir que cada mulher possa viver sem medo são expressões concretas do amor ao próximo.●

SAIBA ONDE BUSCAR AJUDA

● **Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher:** serviço gratuito, disponível 24 horas por dia, para orientações, denúncias e encaminhamento à rede de proteção.

● **WhatsApp do Ligue 180:** (61) 9610-0180.

● **Polícia Militar – 190:** para situações de emergência ou risco imediato.

● **Atendimento presencial:** delegacias especializadas de atendimento à mulher, defensorias públicas, centros de referência e casas da mulher brasileira.

DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS DE 2027:

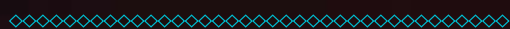
“UM NOVO OLHAR:
'PRESTAR ATENÇÃO' NA ERA DO *CLICKBAIT*”

♦ Fabiano Fachini* ♦

Imagem: Victor Larracuente / Unsplash

Será que, na tentativa de chamar a atenção das pessoas, estamos deixando de prestar atenção nelas?

Na Festa de São Gabriel Arcanjo, o Dicastério para a Comunicação da Santa Sé divulgou o tema do Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2027: “Um novo olhar: 'prestar atenção' na era do *clickbait*”.



**O convite é para uma
conversão do nosso
olhar: voltar a olhar
para as pessoas com
atenção e com amor**



Pense nas nossas redes. Tudo pede uma reação imediata: clicar, curtir, compartilhar, passar para o próximo conteúdo. No meio dessa pressa será que ainda conseguimos parar para escutar alguém de verdade?

O comunicado nos lembra que a comunicação cristã pode redescobrir a atenção

como um dom. É o olhar de Jesus, que via as pessoas e se deixava tocar por elas. Isso também fala à nossa missão de comunicadores. Antes de pensar em como prender a atenção de alguém, precisamos perguntar: a quem estamos prestando atenção? Quem está chegando à comunidade? Quem precisa ser ouvido? Quem está ficando de fora?

Comunicar envolve a pessoa inteira. É preciso voltar a olhar, ouvir e sentir para responder ao chamado de Cristo.

Em 2027, celebraremos o Dia Mundial das Comunicações Sociais na Solenidade da Ascensão do Senhor. Antes disso, em 24 de janeiro, dia de São Francisco de Sales, padroeiro dos comunicadores, será publicada a mensagem completa do Papa Leão XIV para essa celebração. ●

***Fabiano Fachini**, formado em Comunicação Social Jornalismo e MBA em *Marketing*, realiza palestras e *workshops* pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu *Instagram*, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.

ÁGAPE.

A VIVÊNCIA DOS CRISTÃOS

♦ Rosa Maria Dilelli Cruvinel* ♦

O Livro de Atos dos Apóstolos, escrito por São Lucas, narra a vivência fraterna dos primeiros cristãos, marcada pelo amor ágape. “Ágape” é um termo de origem grega que indica um amor fundado e plasmado sobre a fé, descendente de Deus, oblativo e altruísta. É o amor incondicional que busca o bem do próximo sem interesses. É associado ao amor divino e à caridade fraterna.

Vejam os como o amor fraterno marcou a vida, a partilha e a unidade dos primeiros cristãos e como, nos dias atuais, o exemplo de amor das primeiras comunidades pode ajudar a Igreja em sua vivência fraterna.

No contexto filosófico e bíblico, tanto na Grécia Antiga como nas Sagradas Escrituras, diferenciava-se o termo “ágape” de “eros” e do amor “*philia*” (amor de amizade). Bento XVI, em sua Encíclica *Deus caritas est* sobre o amor cristão, de 2005, explica que as duas formas fundamentais do amor – ágape e eros – estão relacionadas ao amor divino. Em Deus, elas se fundem: Deus ama sua criatura com o amor apaixonado eros e ao mesmo tempo com doação total e gratuita ágape, que perdoa e salva, ensina o Papa.

A Igreja primitiva foi profundamente impactada por esse amor da Trindade. Ela nasceu e foi impulsionada pelo amor de Deus: do Pai que deu seu Filho para nossa salvação (cf. Jo 3,16; 1Jo 4,9-10), de Jesus que provou seu amor ao extremo na Cruz (cf. Rm 5,8) e selou dando a si mesmo “Espírito de amor” (Rm 5,5).

São Lucas deixa o belo testemunho da unidade espiritual e material na vivência fraterna dos novos

cristãos ao escrever que “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (At 4,32). Segue o texto lucano: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, na vida da comunidade, na fração do pão, e nas orações” (At 2,42).

A experiência da vivência fraterna dos primeiros cristãos revela a força do Evangelho quando vivido com as duas faces do amor – eros e ágape – e quando abrange a integralidade do ser humano

Com efeito, assim como eles, não devemos amar só com palavras e/ou com um mero sentimento afetivo, mas como amor caridade: efetivo, sobrenatural, sacrificial, na doação total de si, em atitudes concretas e gratuitas de bem ao próximo, tendo claro que o amor ao próximo tem seu fundamento no amor a Cristo: “Foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

O Evangelho é e sempre será a Boa-Nova apresentada pela Igreja como resposta para as necessidades da sociedade. O mundo atual enfrenta desafios marcados, sobretudo, pelo relativismo e pelo individualismo, cujo remédio não está em replicar mecanicamente a estrutura do início do cristianismo, mas na vivência do mesmo Espírito que os conduzia, em que a vida de oração (sacramental),



a comunitária (*koinonia*), o anúncio da Palavra (*kerigma*) e a assistência material (*diaconia*) preparavam os fiéis para darem o testemunho supremo, o martírio por amor a Cristo e à sua Igreja.

Concluimos estas reflexões confiando ao Espírito Santo, verdadeiro protagonista da missão, nossos corações e as comunidades do nosso tempo para que se renove a vivência de um ardente amor fraterno, pois só assim a Igreja de hoje dará ao mundo um testemunho credível de amor desejado por Jesus quando orou ao Pai: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 21). ●

***Rosa Maria Dilelli Cruvinel** é

formada em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), em Teologia pela Faculdade Canção Nova em Cachoeira Paulista (SP) e é leiga consagrada na Comunidade Canção Nova.

CAPITAL AFETIVO:

O QUE GUARDAMOS
DE QUEM PASSA
POR NÓS

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

“MARIA CONSERVAVA
TODAS ESSAS PALAVRAS,
MEDITANDO-AS NO SEU
CORAÇÃO.” (LC 2,19)

“SOMOS O RESULTADO
DE TANTA GENTE, DE
TANTA HISTÓRIA, TÃO
GRANDES SONHOS QUE
VÃO PASSANDO DE PESSOA
A PESSOA, QUE NUNCA
ESTAREMOS SÓS.”
(VALTER HUGO MÃE, O
FILHO DE MIL HOMENS)



imagem: Sébastien Jermier / Unsplash

Basta, às vezes, sentir o cheiro de um café para que alguém nos venha à memória. Uma canção nos devolve a uma casa, uma palavra faz lembrar um conselho, um jeito de sorrir traz para perto quem já partiu. Nessas horas, percebemos quanto de nossas vidas continua habitado por outras pessoas. Guardamos modos de cuidar, expressões que aprendemos a repetir e lembranças que ainda nos ajudam a enfrentar um dia difícil.

Penso que podemos chamar de “capital afetivo” essa presença dos encontros naquilo que vamos nos tornando. São vínculos, gestos e experiências que participam da nossa formação humana. Uma professora que teve paciência quando aprender parecia impossível, alguém que nos ouviu num momento de vergonha, a pessoa que permaneceu ao nosso lado durante uma perda, talvez nem saibam quanto fizeram por nós; o cuidado que ofereceram encontrou lugar em nossas histórias e, de alguma maneira, continua agindo.

A expressão exige atenção. A palavra “capital” costuma nos conduzir ao universo do dinheiro, do acúmulo e do rendimento; seria um equívoco transportar essa lógica para os afetos, tratando relações como investimentos dos quais esperamos algum retorno. Ninguém nos deve amor porque um dia lhe fizemos um bem. Ao falar de capital afetivo, refiro-me à constituição dos vínculos, à experiência vivida que se torna me-

mória e nos humaniza. Seu sentido está na gratuidade e na liberdade com que aprendemos a fazer parte da vida uns dos outros.

As palavras de Valter Hugo Mãe nos ajudam a reconhecer essa condição: há muita gente em nossas maneiras de existir. Recebemos de outros até mesmo algumas das palavras com que expressamos o amor e, enquanto seguimos a vida, também deixamos algo de nós. Vale perguntar: o que uma pessoa aprende sobre si mesma depois de conviver conosco? Sente que tem valor? Encontra espaço para falar? Pode apresentar suas fragilidades sem receio de ser diminuída?

O Evangelho de Lucas nos apresenta Maria conservando e meditando no coração aquilo que vivia. Naquela cena, ela acolhe as palavras dos pastores diante do Menino deitado na manjedoura (cf. Lc 2,19). A vida acontece entre a simplicidade do nascimento e o mistério de Deus que se faz próximo. Maria escuta, guarda, procura compreender. Podemos aprender com ela a dar atenção ao vivido, permitindo que os encontros amadureçam dentro de nós e iluminem nossos passos.

Na experiência cristã, a memória tem essa força de nos comprometer com a vida. Recordar o cuidado recebido pode nos tornar mais atentos ao sofrimento alheio. Acolhemos alguém e reconhecemos, naquele gesto, as mãos que um dia nos acolheram; dessa forma, a gratidão ganha continuidade:

alcança outras pessoas, atravessa gerações, encontra novas formas de presença.

Jesus viveu profundamente os vínculos humanos. Teve amigos, compartilhou refeições, chorou diante da morte de Lázaro. Seus encontros alcançavam pessoas marcadas pela rejeição e lhes abriam possibilidades de vida e convivência. Aproximar-nos dele implica aprender essa atenção concreta: perceber quem está sozinho, escutar quem quase nunca é ouvido, oferecer lugar a quem se acostumou a ficar de fora.

Sabemos que muitas pessoas carregam memórias de abandono e palavras que ainda ferem. A comunidade cristã precisa ser um lugar onde podem experimentar relações de respeito, proteção e confiança. Isso pede tempo, responsabilidade e coerência. Uma visita, uma conversa sem pressa, a lembrança de um nome podem participar de uma história que começa a encontrar acolhimento.

Talvez hoje possamos recordar alguém cujo cuidado permanece em nós. Se for possível, dizer-lhe isso, e olhar com mais atenção para quem partilha nossos dias.

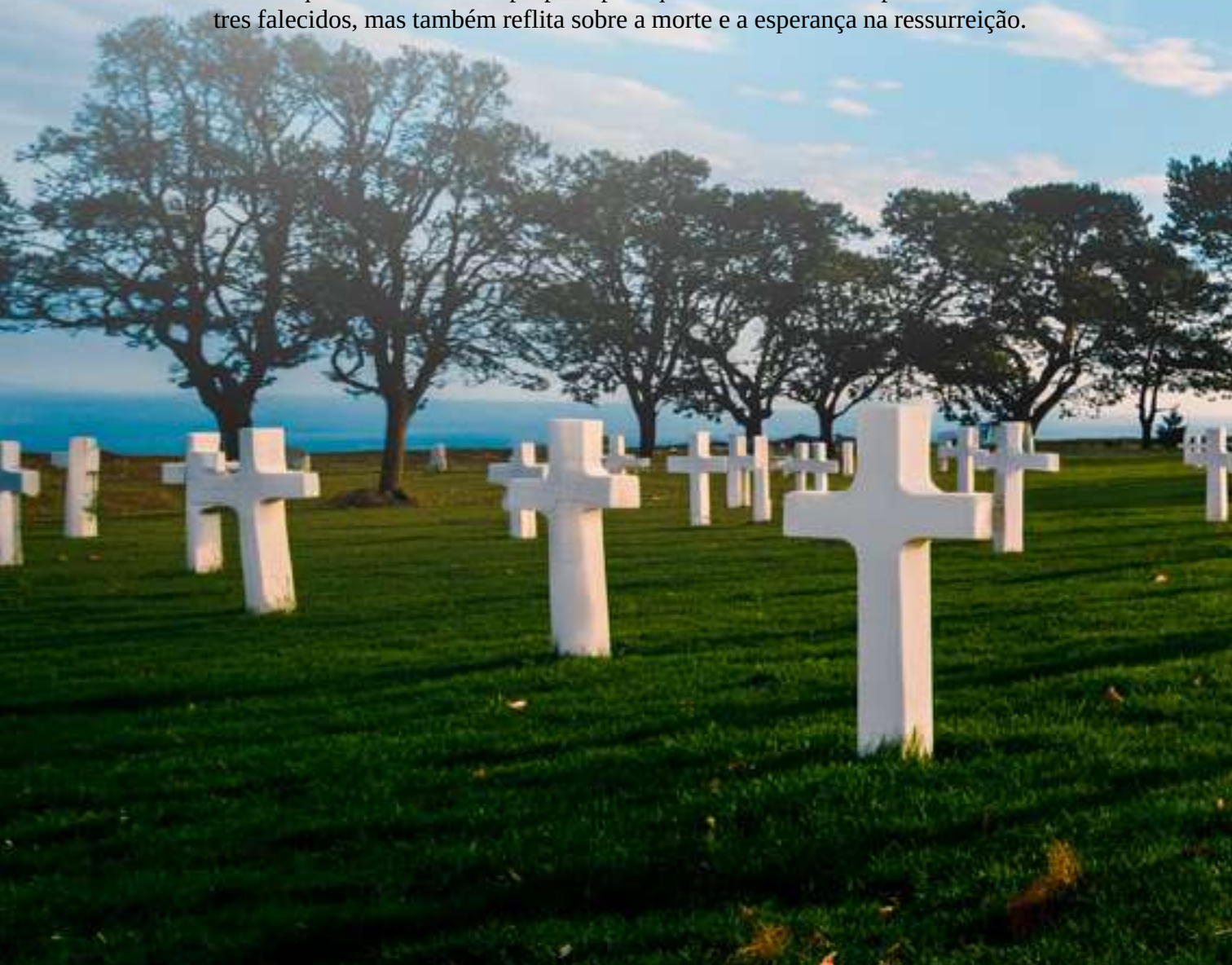
Participamos da memória de alguém: de uma criança que nos observa, de um amigo que precisa conversar, de uma pessoa que espera ser recebida. Que o Senhor nos ajude a cuidar dessa presença. Que, ao se lembrar de nós, alguém encontre ainda um pouco de coragem para viver. ●

A VIDA VENCEU A MORTE

2 DE NOVEMBRO É UM DIA
PARA REZAR, REFLETIR E COMEMORAR

♦ Nayá Fernandes ♦

No dia 2 de novembro, a Igreja Católica Apostólica Romana celebra a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. Na liturgia, a Igreja mostra que essa é uma data propícia para que os cristãos rezem pelos seus entes falecidos, mas também reflita sobre a morte e a esperança na ressurreição.





“Lembrai-vos também, na vossa misericórdia, dos nossos irmãos e irmãs que adormeceram na esperança da ressurreição e de todos os que partiram desta vida; acolhei-os junto a vós na luz da vossa face”, reza o sacerdote que preside a Missa nesse dia.

Trata-se de uma celebração muito antiga da Igreja Católica. Há indícios de que, já no século II, os cristãos rezavam e celebravam a Eucaristia pelos seus defuntos. No início eram recordados no terceiro dia do enterro e, depois, no aniversário de morte. A seguir, no sétimo e no trigésimo dia.

O Abade Odilo, de Cluny (994-1048), exigiu, no ano 998, que o então chamado Dia de Todas as Almas fosse celebrado em 2 de novembro, em todos os mosteiros sob a sua jurisdição. Hoje, a liturgia propõe várias missas nessa data, a fim de ressaltar o mistério pascal e a vitória definitiva de Jesus sobre a morte.

A CAMINHO DA PLENITUDE

“O Dia de Finados também nos lembra a importância da oração pelos que partiram. A Igreja nos ensina a rezar pelos nossos irmãos e irmãs falecidos, pedindo a Deus que os purifique de suas faltas e os acolha em seu Reino. A Sagrada Escritura nos oferece vários exemplos de intercessão pelos mortos”, explica Dom Anuar Battisti, arcebispo emérito de Maringá (PR).

Em seu artigo, ele recorda figuras bíblicas como Judas Macabeu, que “mandou oferecer um sacrifício pelos mortos, para que fossem absolvidos de seus pecados” (2Mc 12,46). Dom Anuar explica que essa passagem “expressa a fé judaica, que foi transmitida à tradição cristã, sobre a eficácia das orações em favor dos falecidos”.

“Nós, como Igreja peregrina, estamos unidos à Igreja triunfante, composta pelos santos no Céu, e à Igreja padecente, composta pelas almas no Purgatório, em uma grande comu-

nhão de santos. Nossa oração, nossas missas e nossos sacrifícios podem ajudar aqueles que ainda precisam de purificação para entrar na plenitude da comunhão com Deus. Essa é uma grande obra de misericórdia que somos chamados a realizar”, continua Dom Anuar.

Além disso, ele salienta que o *Catecismo da Igreja Católica* nos ensina que “A Igreja desde os primeiros tempos honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico” (1032).

É POSSÍVEL VIVER O LUTO SERENAMENTE?

Finados é um dia que pode ser vivido de maneiras diferentes por cada um. Para alguns é um momento de encontro, de homenagens e de conexão com as lembranças das pessoas que partiram; para outros, pode ser um dia de muita saudade, tristeza e até de vontade de ficar sozinho e em silêncio.

“Acredito que podemos viver essa data com mais serenidade quando deixamos de



Imagem: Kenny Orr / Unsplash

exigir de nós mesmos que estejamos bem o tempo todo. Não precisamos esconder a tristeza, nem transformar a saudade em algo que precisa ser superado. Podemos visitar um lugar significativo, olhar fotografias, conversar sobre quem partiu ou simplesmente”, disse, em entrevista à reportagem, Priscila Simieri, psicóloga clínica e educadora. Ela falou sobre a importância de lembrar que o luto não é linear e a data pode mobilizar sentimentos que pareciam já superados.

“Acredito que uma das coisas mais difíceis do luto é aprender a viver em uma realidade na qual alguém tão importante já não está fisicamente presente. Não perdemos apenas uma pessoa, muitas vezes perdemos também os planos que fazíamos com ela, a rotina compartilhada, a sensação de segurança e até de certa forma, a maneira como nos reconhecíamos no mundo”, continuou.

Priscila disse, ainda, que cada vínculo é único e, por isso, cada luto também é: “Não cabe a ninguém determinar quanto tempo uma pessoa pode sofrer, comparar dores ou dizer que ela precisa ser forte. Muitas vezes, essa cobrança social faz com que a pessoa enlutada se sinta ainda mais sozinha”.

PRESENÇA E ACOLHIDA

Profissionais da área da saúde são unânimes em orientar que buscar ajuda psicológica é fundamental quando há um sofrimento intenso e persistente ou quando a pessoa encontra dificuldades para retomar atividades importantes da vida. “O acolhimento também pode vir de familiares, amigos, grupos de apoio e serviços de saúde. É importante entender que pedir ajuda não significa fraqueza, pelo contrário, é reconhecer que não precisamos atravessar todos os momentos difíceis sozinhos”, explicou a psicóloga.

“Acho importante compreender que, diante de uma perda muito grande, nem sempre a

pessoa consegue enxergar esperança imediatamente e nem devemos exigir isso dela. Em alguns momentos, conseguir levantar da cama, tomar um banho, alimentar-se ou aceitar a companhia de alguém já representa um esforço enorme”, continuou.

Priscila disse, também, que a esperança não precisa significar esquecer quem partiu, deixar de sentir saudade ou encontrar rapidamente um sentido para o que aconteceu: “Às vezes, ela começa na presença de alguém que oferece escuta, na possibilidade de retomar uma atividade significativa ou na descoberta de que é possível sentir tristeza e, ainda assim, experimentar momentos de afeto e alegria. É possível construir uma nova relação com as lembranças, preservar o amor e, gradualmente, encontrar maneiras de seguir vivendo”.

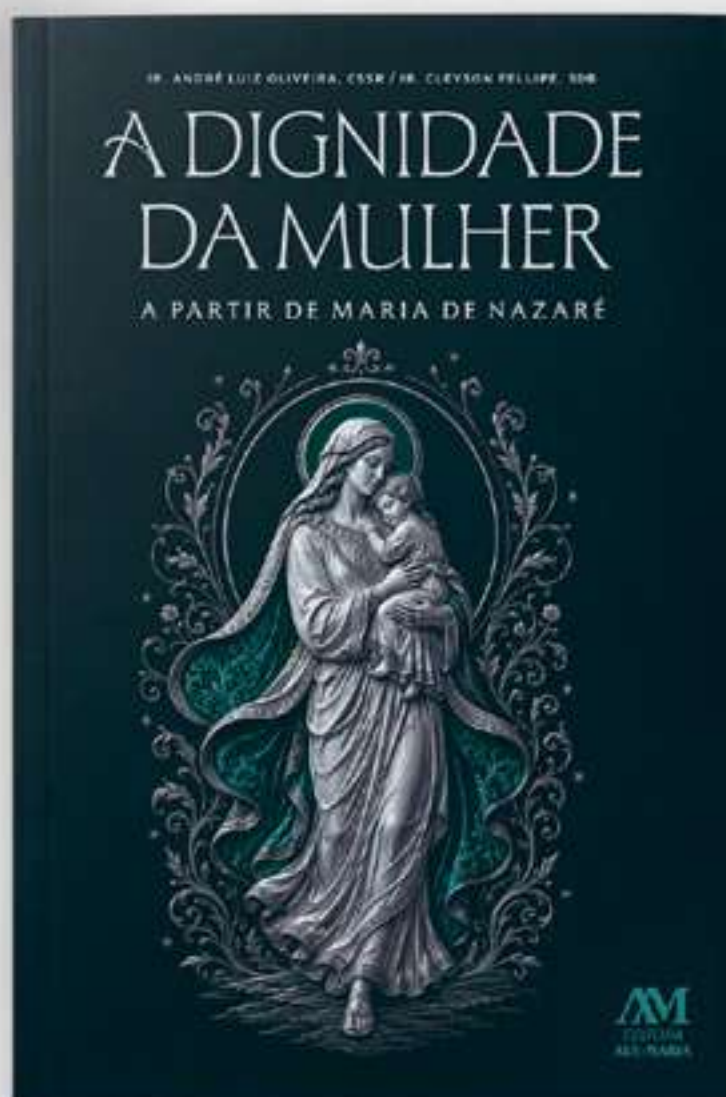
ESPIRITUALIDADE E BUSCA DE SENTIDOS

Priscila ressaltou a importância da espiritualidade como fonte de acolhimento e sustentação durante o luto para muitas pessoas: “Ela pode ajudar a construir sentidos, encontrar conforto, fortalecer vínculos comunitários e lidar com perguntas muito difíceis sobre a vida e a morte, mas considero fundamental respeitar a maneira como cada pessoa compreende essa experiência. Para algumas, a espiritualidade está ligada à religião e à fé; para outras, está na conexão com a natureza, nas relações humanas, nos valores que orientam a vida ou nas lembranças de quem partiu”.

Em sua homilia, na Comemoração dos Fiéis Defuntos de 2025, o Papa Leão XIV lembrou que “A fé cristã, fundada na Páscoa de Cristo, ajuda-nos a viver a memória não apenas como uma lembrança do passado, mas, sobretudo, como uma esperança futura. Não se trata tanto de olhar para trás; trata-se, antes, de olhar para frente, para a meta do nosso caminho, para o porto seguro que Deus nos prometeu, para a festa sem fim que nos espera”.●

Mulher, qual é a sua missão?

Em Maria, sua alma encontra voz.



ACESSE O NOSSO SITE **AVEMARIA.COM.BR**
E NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

O primeiro encontro da criança com *a Palavra*



**Bíblia Capa
Catequese**

ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: FÉ QUE ACOLHE E TRANSFORMA VIDAS EM CURITIBA (PR)

COM 66 ANOS DE DEVOÇÃO MARIANA, SANTUÁRIO
REÚNE MULTIDÕES E MANTÉM VIVA A MISSÃO
REDENTORISTA DE EVANGELIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

♦ Assessoria do Santuário ♦

A história do Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Curitiba (PR), começou em junho de 1960, com a chegada dos Missionários Redentoristas. As primeiras novenas, na antiga Capela da Glória, atraíram tantos fiéis que a multidão ocupava as calçadas e a pista da avenida João Gualberto. O espaço ficou pequeno para tamanha devoção.

Em 29 de junho de 1969 foi inaugurado o atual templo, na praça Portugal, no Alto da Glória. Em 1998, a igreja tornou-se santuário mariano diocesano.

UMA DEVOÇÃO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

Todas as quartas-feiras, mais de 35 mil fiéis participam das dezessete novenas, das seis às 22 horas. São famílias que chegam com pedidos e agradecimentos, mantendo viva uma tradição de fé. Cerca de 2 milhões de pessoas passam pelo santuário anualmente.

Em 2026, a festa da padroeira celebrou os 160 anos da missão confiada pelo Papa Pio IX aos redentoristas de tornar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro conhecida no

mundo. A celebração reuniu mais de 125 mil fiéis e recebeu o ícone peregrino vindo de Roma.

A FÉ QUE SE TRANSFORMA EM CUIDADO

A missão redentorista também se expressa no cuidado com os mais necessitados. Nas comunidades empobrecidas da periferia de Curitiba, mais de 1.500 famílias recebem cestas básicas mensalmente, além de iniciativas de reforço escolar e encaminhamento ao emprego. Na Comunidade Terapêutica Perpétuo Socorro, homens que enfrentam a dependência química encontram acolhimento e a oportunidade de recomeçar.

Pioneiro no acolhimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias, o santuário promove mensalmente uma Missa e encontros do grupo de apoio, fortalecendo a inclusão, a partilha de experiências e os vínculos entre as famílias.

Entre multidões em oração e gestos de solidariedade, o Santuário Perpétuo Socorro mantém viva uma fé que acolhe, alimenta e transforma vidas. ●

“Toda alma que crê e tem confiança em minha misericórdia a obterá.”

Dom Santiago Olivera

Santa
FAUSTINA
KOWALSKA
Oração da misericórdia

Com base no diário escrito por Santa Faustina Kowalska, Dom Santiago Olivera narra com grande profundidade e paixão a vida e a espiritualidade da Apóstola da Divina Misericórdia. Nesta obra, o leitor conhecerá através das mensagens de consolo e de esperança da santa, o profundo amor que o Senhor tem por nós em sua infinita misericórdia.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:
@ @ @ @

A venda nas melhores livrarias
ou no site
www.avemaria.com.br



“Só o perdão liberta
e traz de volta a
luz”, afirma o Papa



Imagem: Vatican Media / Vatican News

♦ Da Redação ♦

O Papa Leão XIV destaca que perdoar é indispensável para viver em paz e romper com os rancores que destroem relações, dividem famílias e alimentam guerras.

O perdão é indispensável à convivência e à construção da paz, ensina o Papa Leão XIV. Para o Pontífice, a ausência de misericórdia abre espaço para conflitos, acusações e vinganças, com consequências que atingem desde as relações familiares até a vida entre os povos. Perdoar, nesse sentido, expressa um valor fundamental da vida cristã, ensinado e testemunhado por Jesus até a cruz, quando rezou ao Pai por seus perseguidores.

PERDOE SEM FAZER CONTAS

Ao refletir sobre a pergunta de Pedro a respeito de quantas vezes devemos perdoar um irmão (cf. Mt 18,21-35), o Papa explica que a proposta de Jesus ultrapassa qualquer cálculo. Na Bíblia, o número sete representa a plenitude, mas Cristo pede que se perdoe “até setenta vezes sete”, indicando uma disposição sem medida. O convite é cultivar a misericórdia nas relações, mesmo quando é difícil dar o primeiro passo.

RECONHEÇA A MISERICÓRDIA RECEBIDA E PRATIQUE A GRATUIDADE

Na parábola contada por Jesus, um servo recebe o perdão de uma dívida praticamente impossível de pagar, mas se recusa a agir com a mesma misericórdia diante de um companheiro. Leão XIV recorda que tudo o que existe é dom gratuito do amor de Deus e que ninguém pode considerar perfeita a própria resposta a essa bondade. Reconhecer o

perdão recebido deve transformar nossa maneira de tratar o próximo. “Por isso, a gratuidade – que é a fonte da nossa própria vida – é também a melhor regra para a nossa convivência”, afirma.

ABRA ESPAÇO PARA UM NOVO COMEÇO

“Só o perdão liberta e traz de volta a luz”, destaca Leão XIV. Quando falta o perdão, os rancores ferem os vínculos e impedem a paz. A misericórdia permite recomeçar, mesmo diante das fragilidades humanas. Pedro viveu essa experiência: depois de negar e abandonar Jesus durante a Paixão, reencontrou o Ressuscitado às margens do lago e ouviu a pergunta “Simão, tu me amas?” e o convite “Segue-me!”. Sua missão foi confirmada por uma caridade “que esquece e cura”. Com a intercessão de Maria, Mãe da Misericórdia, o Papa convida os cristãos a difundir “a luz serena e curativa do amor que vence o ódio e desarma todo o rancor”. ●

INTENÇÕES DE ORAÇÃO DO SANTO PADRE CONFIADAS À SUA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO

Pelo bom uso das riquezas

*Rezemos pelo bom uso das riquezas,
para que, resistindo à tentação
do egoísmo, estejam sempre
ao serviço do bem comum
e da solidariedade com
os mais necessitados.*



CATEQUESE PARA TODOS:

COMO INSERIR CRIANÇAS NEURODIVERGENTES NA COMUNIDADE DE FÉ

♦ Prof. Dr. diác. Frederico Morato Nery* ♦

“Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais” (Mc 10,14): o convite de Jesus não estabelece condições para o encontro com Deus, mas será que nossas comunidades estão preparadas para acolher crianças autistas, com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e outras condições do neurodesenvolvimento?

A inclusão na catequese começa quando a diferença deixa de ser vista como obstáculo. A deficiência também se manifesta na interação com barreiras sociais, enquanto o estigma pode produzir afastamento e exclusão, por isso, é necessário reinventar práticas educativas que respeitam as singularidades. Não basta abrir a porta da sala, é preciso garantir participação e pertencimento.

Essa responsabilidade está presente no magistério católico. O *Diretório geral para a catequese* reconhece o direito das pessoas com deficiência à educação da fé e reafirma sua dignidade e participação na vida eclesial. A Igreja é chamada a ser uma casa de portas abertas, na qual famílias e comunidades encontram proximidade e novas linguagens de acolhida, como ensinam as exortações

apostólicas *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*.

Na prática, isso significa ouvir as famílias e as próprias crianças, formar catequistas, prever rotinas, oferecer recursos visuais e sensoriais, ajustar tempos e respeitar diferentes formas de comunicação. Entender a educação como prática de liberdade inspira uma catequese que não tenta padronizar pessoas, mas cria possibilidades de encontro.

Jesus também ensina: “Quem receber uma criança como esta em meu nome, a mim recebe” (Mt 18,5). Acolher crianças neurodivergentes não é um favor pastoral, é testemunhar o Evangelho. Uma catequese para todos acontece quando a comunidade transforma suas práticas para que cada criança encontre seu lugar na fé. ●

***Professor doutor diácono Frederico Morato**

Nery é doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor, historiador e diácono permanente da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (RJ). Atua na educação e na preservação do patrimônio histórico e cultural da Igreja, articulando História, Teologia e formação cristã.

VIDA ETERNA: A ESPERANÇA QUE NOS MOVE

♦ Pe. Adelmo Sérgio Gomes* ♦

Quando pensamos na morte, costumamos entendê-la como um ponto obscuro no fim da vida. No entanto, a morte está diante de nós o tempo todo. O sapato que se desgastou, a roupa velha que se rasgou, a flor mimosa do jardim que secou, todos esses acontecimentos são sinais de morte. A morte não está apenas para além: está em nós. Está em cada criatura, em cada parte da matéria.

Não porque a criatura seja má em si mesma, pois tudo o que Deus criou é bom (cf. Gn 1,31), mas porque a criação, ferida pelo pecado, está sujeita à corrupção e geme em dores de parto, aguardando a redenção (cf. Rm 8,19-23). Jean-Paul Sartre, em sua ontologia fenomenológica, sustentava que o ser humano é o ser pelo qual o nada vem ao mundo.

A teologia católica, porém, vai mais fundo: a morte não é uma propriedade essencial do ser criado, mas uma consequência do pecado original, que feriu a natureza humana e introduziu no mundo a

separação e a corrupção. A criatura carrega em si não o nada, mas a saudade da plenitude que perdeu e a esperança da restauração prometida em Cristo.

Os cristãos carregam a esperança dos novíssimos do homem, Céu, Inferno e Purgatório. Para eles, a alma sobrevive à morte, pois foi criada imortal à imagem e semelhança de Deus. Uns vão para o convívio de Deus, outros para a condenação eterna. Há ainda um terceiro estágio, o Purgatório, onde as almas dos justos que morreram na graça e na amizade de Deus, mas ainda imperfeitas, passam por uma purificação necessária para alcançar a santidade exigida para entrar na alegria do céu (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1030-1032).

Para os não religiosos, a expectativa é o nada em si. Desfaz-se o corpo e tudo o mais que nele pode existir. É um nada quebrado e moído. É a extinção do verbo. A teologia católica, contudo, não vê na morte o fim absoluto, mas uma

passagem, “o último inimigo a ser vencido” (1Cor 15,26). A morte não tem a última palavra, pois Cristo, pelo seu mistério pascal, destruiu-a e abriu para nós a porta da vida eterna. Aquilo que para uns é dissolução e silêncio, para os que creem é o limiar da ressurreição e da comunhão definitiva com Deus, onde “não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21,4).

Para clarificar a ideia dos novíssimos do homem, vamos recorrer a duas grandes figuras da Igreja Católica, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Para Agostinho há três tipos de morte: a morte espiritual, a morte corporal e a morte total. A morte corporal é consequência do pecado original, mas não é o fim. A alma, criada imortal, sobrevive à separação do corpo e aguarda a ressurreição. Após a morte, a alma comparece diante de Deus e recebe a sentença. Para Agostinho, no momento da morte já é dada a sentença, seja Céu ou In-

[illegible][illegible][illegible]

ferno. A pessoa leva consigo “o tempo da memória”, seus atos e sua autoconsciência e é julgada por eles. Para alguns pecadores há uma purificação depois da morte. Eles não alcançaram a santidade perfeita, mas também não merecem a condenação. Eles passam por penas medicinais, podendo ser auxiliados pela oração da Igreja. Santo Agostinho entende que o Paraíso e o Inferno são eternos.

O que porá fim ao tempo e abrirá a eternidade é a ressurreição dos corpos. Com a parusia, a segunda vinda de Cristo, ocorre o juízo final, em que a sorte de cada um é confirmada publicamente.

Em São Tomás de Aquino, a morte é um mal em si mesma, porque implica a separação de corpo e alma, porém, a alma é imortal e subsiste após a morte. O ser humano é uma unidade de corpo e alma e essa separação é consequência do pecado original. Para Tomás, a alma é julgada logo após a morte. Esse juízo decide seu destino: Céu, Purgatório ou Inferno. A sentença

é definitiva, ninguém pode sair do Céu nem do Inferno. O juízo final confirmará publicamente o que já foi decidido no juízo particular.

Segundo Tomás, no fim
dos tempos ocorrerá a
ressurreição dos corpos
e o juízo final. Esse
juízo será com corpo,
todos verão as ações
de todos, e a justiça
divina será manifesta

O que fica como lição para nós é que o juízo de Deus não é uma sentença arbitrária, mas o encontro com Aquele que nos conhece por inteiro. Deus não nos julga por ouvir falar; Ele sonda os corações e conhece todas as estradas que percorremos, por isso, o temor de Deus não é medo servil, mas reverência filial e horror ao pecado, que nos afasta do mal e nos abre à graça. Deus não deseja a morte

do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 33,11).

Sua misericórdia é infinita e Ele oferece a todos os meios de salvação, contudo, respeita nossa liberdade, pois o amor não pode ser forçado. A Igreja nos ensina a esperar firmemente na salvação, sem presunção e sem desespero. Podemos e devemos esperar que todos se salvem, mas não podemos afirmar isso com certeza, pois a liberdade humana pode rejeitar definitivamente o amor de Deus. O inferno não é um capricho divino, mas a possibilidade real de quem escolhe persistir no pecado grave e impenitente.

Vivamos, pois, com confiança na misericórdia, mas também com responsabilidade, sabendo que Deus nos dá todas as chances e que a salvação é fruto da graça e da colaboração livre do homem. ●

*Pe. Adelmo Sérgio Gomes é sacerdote da Diocese de Divinópolis (MG). É também vice-postulador da causa de beatificação e canonização do Venerável Servo de Deus Padre Libério.

Revista Ave Maria | Novembro, 2026 • 55

[illegible][illegible][illegible]

ferno. A pessoa leva consigo “o tempo da memória”, seus atos e sua autoconsciência e é julgada por eles. Para alguns pecadores há uma purificação depois da morte. Eles não alcançaram a santidade perfeita, mas também não merecem a condenação. Eles passam por penas medicinais, podendo ser auxiliados pela oração da Igreja. Santo Agostinho entende que o Paraíso e o Inferno são eternos.

O que porá fim ao tempo e abrirá a eternidade é a ressurreição dos corpos. Com a parusia, a segunda vinda de Cristo, ocorre o juízo final, em que a sorte de cada um é confirmada publicamente.

Em São Tomás de Aquino, a morte é um mal em si mesma, porque implica a separação de corpo e alma, porém, a alma é imortal e subsiste após a morte. O ser humano é uma unidade de corpo e alma e essa separação é consequência do pecado original. Para Tomás, a alma é julgada logo após a morte. Esse juízo decide seu destino: Céu, Purgatório ou Inferno. A sentença

é definitiva, ninguém pode sair do Céu nem do Inferno. O juízo final confirmará publicamente o que já foi decidido no juízo particular.

**Segundo Tomás, no fim
dos tempos ocorrerá a
ressurreição dos corpos
e o juízo final. Esse
juízo será com corpo,
todos verão as ações
de todos, e a justiça
divina será manifesta**

O que fica como lição para nós é que o juízo de Deus não é uma sentença arbitrária, mas o encontro com Aquele que nos conhece por inteiro. Deus não nos julga por ouvir falar; Ele sonda os corações e conhece todas as estradas que percorremos, por isso, o temor de Deus não é medo servil, mas reverência filial e horror ao pecado, que nos afasta do mal e nos abre à graça. Deus não deseja a morte

do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 33,11).

Sua misericórdia é infinita e Ele oferece a todos os meios de salvação, contudo, respeita nossa liberdade, pois o amor não pode ser forçado. A Igreja nos ensina a esperar firmemente na salvação, sem presunção e sem desespero. Podemos e devemos esperar que todos se salvem, mas não podemos afirmar isso com certeza, pois a liberdade humana pode rejeitar definitivamente o amor de Deus. O inferno não é um capricho divino, mas a possibilidade real de quem escolhe persistir no pecado grave e impenitente.

Vivamos, pois, com confiança na misericórdia, mas também com responsabilidade, sabendo que Deus nos dá todas as chances e que a salvação é fruto da graça e da colaboração livre do homem. ●

***Pe. Adelmo Sérgio Gomes** é sacerdote da Diocese de Divinópolis (MG). É também vice-postulador da causa de beatificação e canonização do Venerável Servo de Deus Padre Libério.

Revista Ave Maria | Novembro, 2026 • 55

[illegible][illegible][illegible][illegible]

A COBIÇA TEM RAÍZES NO CORAÇÃO DO HOMEM E FERE O CORAÇÃO DE DEUS

♦ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães ♦

O décimo mandamento da Lei de Deus é “Não cobiçar as coisas alheias”. Algum jovem pode se perguntar: mas o que é a cobiça? O *Dicionário Aurélio* diz que “Cobiça é a ambição desmedida de possuir bens materiais. É o desejo excessivo, incontrolável ou veemente por riquezas, dinheiro, poder, honras ou posses alheias”. Ao contemplar as expressões “ambição desmedida” e “desejo excessivo” percebe-se, de cara, que a cobiça não é algo normal, foge literalmente da vontade de Deus para o ser humano.

Ao olhar para o contexto bíblico, percebe-se que o décimo mandamento se fundamenta nos livros do Êxodo e do Deuteronômio, que são livros da lei. Em Êxodo 20,17 está escrito: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença”. Olhando para esse versículo, percebe-se que a cobiça é um pecado, por isso o mandamento é iniciado com um forte e incisivo “não” a cobiçar o que é alheio, isto é, que pertence ao outro. Por exemplo: um jovem tem a sua namorada, mas fica desejando a namorada de outro; mais um exemplo seria alguém que tem inveja de uma casa que seu conhecido possui e quer, a qualquer custo, e sem medir os meios, chegar a ter uma casa melhor só para dizer que pode ter uma condição de vida semelhante ou melhor. Com isso, percebe-se que a cobiça está par a par com outros pecados, como o da inveja, da ambição, enfim, coisas que partem do coração do homem.

O *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2534, orienta que esse mandamento caminha em sintonia com

outros mandamentos. “O décimo mandamento desdobra e completa o nono, que tem por objeto a concupiscência da carne. Proíbe cobiçar o bem de outrem, raiz de onde procedem o roubo, a rapina e a fraude, proibidos pelo sétimo mandamento. A ‘concupiscência dos olhos’ (1Jo 2,16) conduz à dolência e à injustiça, proibidas pelo quinto mandamento. A cobiça, bem como a fornicação, tem a sua origem na idolatria, proibida nos três primeiros mandamentos da lei. O décimo mandamento incide sobre a intenção do coração e resume, com o nono, todos os preceitos da lei”.

É como um apanhado sobre os mandamentos todos e uma chamada a que se viva tranquilo e em harmonia com a vontade de Deus, afinal de contas, os mandamentos devem ser seguidos para estar de acordo com o que Deus pensou para o ser humano

Para não gerar dúvidas, convém dizer que cobiçar é completamente diferente de aspirar. A cobiça está relacionada a um desejo desordenado, sem limites e muitas vezes egoísta, de ter o que o outro possui; como diz o *Dicionário Aurélio* é um desejo excessivo. Já aspirar diz respeito a um desejo legítimo, não de ter o que o outro possui, mas sim de cumprir uma meta, de chegar a um objetivo, sem que tenha o outro como o

foco desse desejo. A cobiça é um pecado por ser uma ambição negativa; aspirar é um desejo saudável por ter uma motivação positiva. Exemplo: um jovem pensa em, no futuro, ganhar bem, ter seus próprios bens e condições de vida digna, equilibrado financeiramente. É pecado aspirar a isso? Não, desde que consiga com o esforço próprio e por meios lícitos. Essa é uma meta pessoal, saudável, equilibrada e a pessoa não a alimenta em vista de outra, como sendo um concorrente ou alguém que precise superar tão somente por vaidade ou inveja.

É pensando na salvação do fiel que a Igreja orienta, no número 2536 do *Catecismo da Igreja Católica*: “Quando a lei nos diz ‘Não cobiçarás’ diz-nos, por outras palavras, que afastemos os nossos desejos de tudo o que não nos pertence. Porque a sede da cobi-

ça dos bens alheios é imensa, infindável e insaciável, conforme está escrito: ‘O avarento nunca se fartará de dinheiro’ (Ecl 5, 9)”. Se você se afasta de tudo o que não lhe pertence não dá espaço para a cobiça, mas se se aproxima e alimenta o seu coração com a cobiça, ela não só vai criando raízes, vai dominando você e, o pior, nunca estará plenamente saciado, o que vai gerando em si um desejo infindável e uma insatisfação constante, o que certamente o deixará frustrado durante toda a vida.

Pare um pouco e pense: não se deve cobiçar as coisas alheias, pois elas não estão em conformidade com a vontade de Deus, ferem o coração – pois nunca deixarão a pessoa satisfeita – e ferem mais ainda o coração de Deus, afastando-o da comunhão com Ele e de um dia alcançar a salvação. ●



Imagem: Mathieu Stern / Unsplash



Imagem: Magnific

A FAMÍLIA E SUAS INSTABILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

♦ Pe. Rodolfo Faria ♦

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, no mês de novembro quero propor uma reflexão indispensável para nossos tempos, sobretudo para nossas famílias contemporâneas.

A família católica contemporânea enfrenta o desafio de viver e transmitir a sua fé em um mundo marcado por rápidas transformações culturais e sociais. Tradicionalmente compreendida como uma “Igreja doméstica”, a instituição familiar católica fundamenta-se no Matrimônio indissolúvel, na abertura à vida e na educação moral e espiritual dos filhos, no entanto, o avanço da modernidade e o processo de secularização da sociedade trouxeram profundas instabilidades para os seios desses lares, exigindo dos fiéis uma resiliência espiritual e psicológica sem precedentes históricos recentes.

Uma das principais fontes de
instabilidade reside na colisão frontal
entre os valores cristãos e a cultura
do individualismo descartável

O Matrimônio católico, concebido como um Sacramento vitalício baseado no amor sacrificial, é constantemente testado por uma mentalidade que prioriza a autorrealização imediata e a rejeição ao

sofrimento ou à renúncia. Quando as crises conjugais inevitáveis surgem, a pressão social para a dissolução do vínculo muitas vezes se sobrepõe à busca pela reconciliação, fragilizando uniões que antes encontravam no suporte comunitário paroquial um forte ponto de sustentação.

Além disso, a hiperconexão digital e o relativismo moral penetram as casas católicas por meio das telas, gerando uma crise de autoridade e de transmissão da fé. Pais que desejam educar seus filhos segundo a doutrina da Igreja competem diretamente com algoritmos projetados para prender a atenção e promover estilos de vida materialistas e hedonistas. Essa dissonância cognitiva cria conflitos geracionais profundos, nos quais os jovens frequentemente se afastam das práticas religiosas, gerando sentimento de frustração, culpa e isolamento espiritual nos pais, que veem ruir a continuidade de suas tradições.

As pressões socioeconômicas também atuam como severos fatores de desestabilização para o modelo familiar católico. A necessidade de duplas jornadas de trabalho para manter o sustento do lar reduz drasticamente o tempo de convivência, fragmentando momentos essenciais como a oração em família e a participação comunitária. O custo de vida elevado nas grandes cidades também tensiona a abertura à generosidade da vida (a paternidade responsável e generosa), gerando dilemas morais e ansiedades

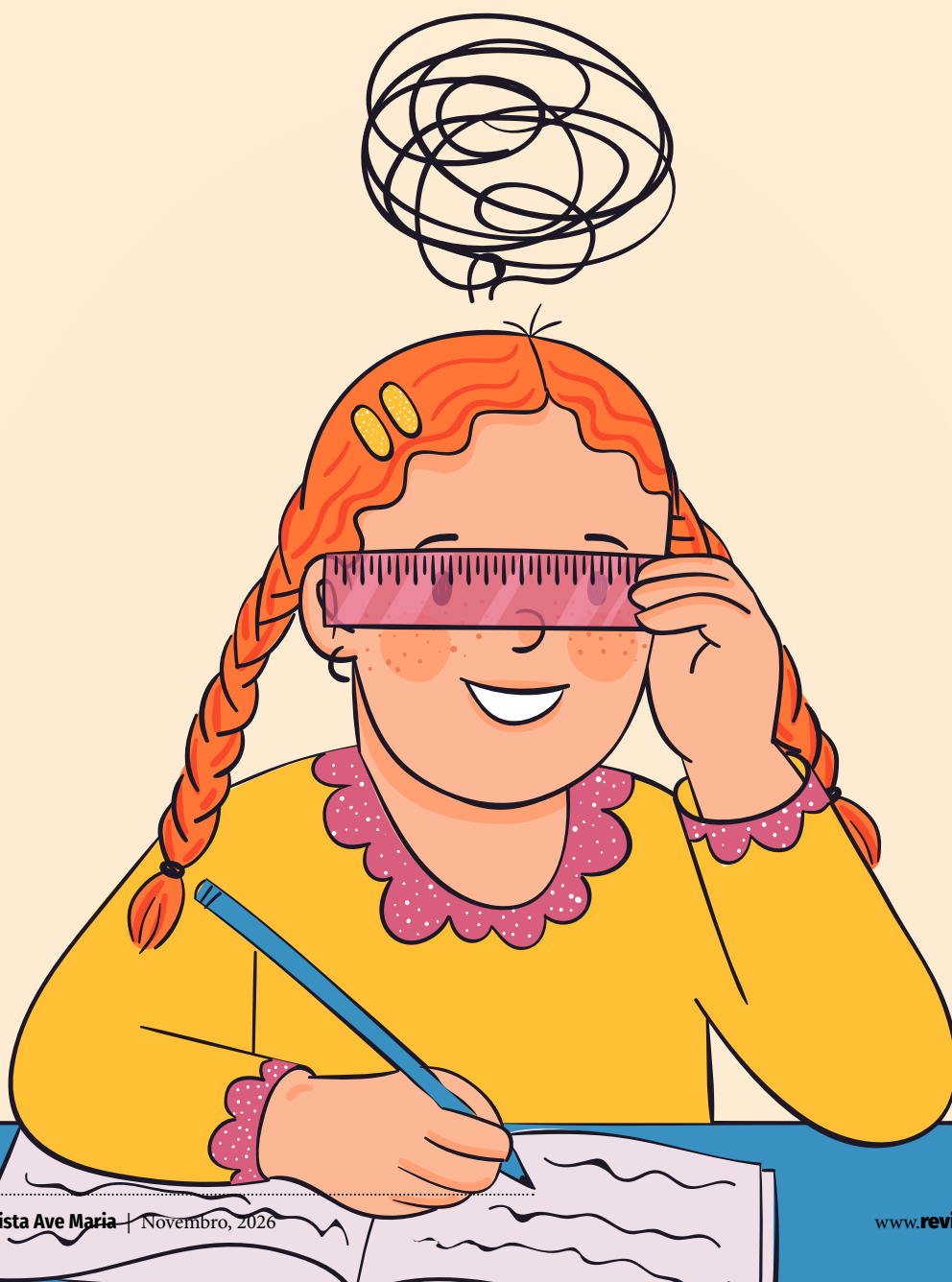
econômicas que afetam a paz e a harmonia doméstica.

Diante desse cenário instável, a resposta da comunidade católica não tem sido o isolamento, mas o fortalecimento de redes de apoio internas. Movimentos eclesiais, pastorais familiares e novas comunidades surgem como refúgios de convivência, oferecendo formação contínua, aconselhamento conjugal e suporte mútuo. A estabilidade da família católica nos dias de hoje, portanto, depende da capacidade de converter o lar em um espaço de acolhimento genuíno e oração resiliente, resgatando a essência de sua missão original para navegar com firmeza em meio às tempestades da pós-modernidade. ●

Imagem: Luemen Rutkowski / Unsplash

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E CONCENTRAÇÃO: SETE ESTRATÉGIAS PARA O DIA A DIA

Imagem: Magnific



♦ Francisco Medeiros Andrade* ♦

Quantas vezes você já começou uma tarefa e, poucos minutos depois, percebeu que sua atenção estava em outro lugar? Para quem convive com o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), situações assim podem fazer parte de uma rotina marcada por esquecimentos, dificuldades de organização e desafios para concluir atividades.

O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade é uma condição do neurodesenvolvimento que pode afetar a capacidade de regular a atenção, os impulsos e a atividade, entretanto, é importante compreender que essas dificuldades não representam falta de inteligência, interesse ou força de vontade.

Mais do que exigir concentração, precisamos descobrir maneiras de construir uma rotina que respeita nossas necessidades e possibilidades. Algumas estratégias podem ajudar nesse caminho.

1. Divida grandes tarefas em pequenos passos.

Diante de muitas obrigações, podemos nos sentir paralisados. Em vez de pensar em tudo o que precisa ser feito, identifique o primeiro passo possível. Pequenas conquistas ajudam a tornar o caminho mais acessível.

2. Organize o ambiente ao seu redor. Nossa atenção também é influenciada pelo espaço em que estamos. Reduza distrações, silencie notificações e mantenha por perto apenas o necessário para a atividade.

3. Utilize lembretes e recursos visuais. Agendas, alarmes e listas podem funcionar como aliados da memória e da organização. Não precisamos guardar todas as responsabilidades na cabeça.

4. Estabeleça períodos curtos de concentração.

Experimente dedicar quinze ou vinte minutos a uma tarefa e depois fazer uma pequena pausa. O importante é encontrar um ritmo que favorece sua

continuidade, sem transformar o tempo em mais uma cobrança.

5. Cuide do corpo e respeite o descanso. Sono adequado, atividade física e pausas durante o dia contribuem para o bem-estar e podem favorecer a atenção. Nossa capacidade de concentração não está separada das condições em que vivemos.

6. Aprenda a reconhecer seus próprios ritmos.

Observe em quais momentos do dia você se sente mais disposto e quais situações dificultam sua concentração. Conhecer o próprio funcionamento permite construir estratégias mais adequadas à sua realidade.

7. Substitua a autocrítica pela compreensão:

talvez esta seja uma das atitudes mais importantes. Quando transformamos nossas dificuldades em julgamentos sobre quem somos, acrescentamos sofrimento aos desafios que já enfrentamos. Reconhecer limites não significa desistir de crescer, mas encontrar maneiras mais saudáveis de seguir adiante.

É importante lembrar que essas estratégias não substituem o acompanhamento profissional, que pode incluir psicoterapia, orientações específicas e, quando indicado, tratamento medicamentoso.

Viver melhor com o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade não significa conseguir fazer tudo perfeitamente ou manter a atenção o tempo inteiro, significa aprender a reconhecer suas necessidades, desenvolver recursos e compreender que seu valor como pessoa não pode ser medido pela quantidade de tarefas que consegue realizar, afinal, cuidar da atenção também é aprender a olhar para si com mais respeito, paciência e acolhimento. ●

***Francisco Medeiros Andrade** é psicólogo clínico e atende de maneira on-line. Para mais informações e conteúdo, acesse o Instagram @psicologofrancisco.

UM REINO DE JUSTIÇA E DE PAZ

♦ Pe. Flávio José Lima da Silva, sjc* ♦

O fruto da sabedoria gera o desejo de justiça e de paz. É nesse sentido que a proposta do Reino vai se consolidando. No transcurso da história do povo de Deus, nem sempre a justiça e paz aconteciam, pois os relatos bíblicos transmitem muita violência e injustiça, muitos conflitos por terra, por um espaço, e é possível ver também nesses relatos que Deus tem um papel de justiceiro, vingador, um Deus sanguinário; esse Deus, conforme os relatos, está com o seu “povo escolhido”. Não se pode ficar preso a tais relatos, pois, como já mencionado, isso foi a história de um povo que lutava por seus objetivos, tinha seus motivos; não se pode condená-lo, mas também não se deve concordar, deve-se respeitar a experiência da história do povo de Israel.

Observando o contexto da vida do povo de Israel é possível perceber o desejo de uma vida justa e fraterna

A experiência que o povo tem de Deus é que Ele estará sempre presente na vida de seu povo: “Vou firmar uma aliança. Diante de todo o teu povo, realizarei maravilhas, tais como não foram criadas em nenhuma parte sobre a terra e em nenhuma nação” (Ex 34,10). Iahweh criou um povo do nada e o libertou do poder egípcio, agora o recriará e o resgatará de seu desterro. Isso é possível

e certo porque Ele é o Todo-Poderoso, o Criador dos Céus e da Terra, assim como cumpridor de sua promessa e o sustentador de sua aliança (cf. Is 40,22-28; 42,5-6; 44,24-26; 51,9-11). Com essa perspectiva pode-se projetar um reino de justiça e de paz, pois o Senhor Deus está com o povo protegendo e sendo fiel à sua aliança.

Para que esse reino chegue é preciso compreender todo o processo histórico, não se pode negá-lo, pois é a base, um mergulho na história e faz lembrar a experiência que o povo teve. Nessa memorização, destacam-se duas categorias que concretizam o Reino: a promessa e a aliança. É por meio delas que o povo de Israel construiu a sua vida de fé, acreditando na promessa feita por Deus aos seus antepassados.

No transcurso da história humana, percebe-se concretamente a fé no Deus de Israel se universalizando e, na mesma sequência, a esperança no Reino é para todos os povos. Esse é o Reino de Deus esboçado no Antigo Testamento e clareado no Novo Testamento. O Reino que é, em última instância, um dom de Deus, fonte de todos os demais bens. Isso se consolida quando percebemos que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos os homens têm a mesma natureza; deve-se, portanto, reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental entre todos.

O Reino não é algo definitivo, pronto, ele é construído gradativamente na história do povo de Deus. É moldado gradualmente, não cai do

céu, visto que é nessa perspectiva que o povo de Deus vive a sua fé, criando assim expectativas do reino prometido onde todos têm vida digna, justiça e paz.

Sendo assim, o processo histórico, mesmo que de forma elementar, apresenta marcos essenciais para a compreensão do Reino como dom. A inspiração do Reino sempre vem de Deus, senão seria apenas uma mera instituição, por isso, o Reino de Deus também é força humana, ou seja, toda ação de Deus requer uma reação humana. No entanto, Deus se revela por amor gratuito, não como resposta à ação dos homens. O Reino de Deus, dessa forma, exige conversão, reação, comprometimento e resposta: os pobres precisam lutar contra a opressão.

Por fim, o Reino de Deus é realidade dialógica: para acontecer deve o homem, livre e responsável pela história, acolhê-lo gratuitamente, comprometendo-se com esse dom, engajando-se social e politicamente, isto é, em sua totalidade, para que o Reino se torne a Boa-Nova: provocando alegria, confiança e esperança. ●

***Padre Flávio José Lima da Silva, sjc** é sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Atua como vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, cidade-satélite do Gama (DF) e é assessor executivo das Novas Gerações e Missão Jovem na Amazônia da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

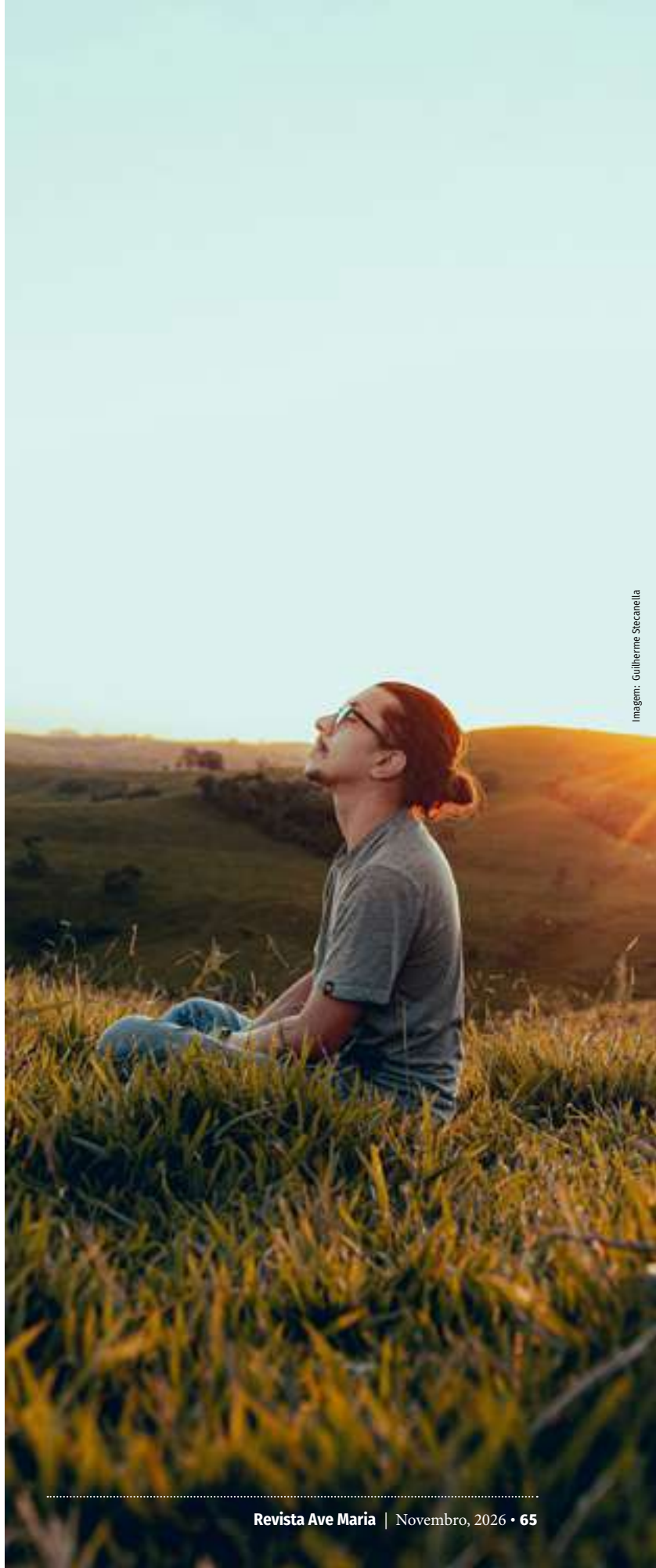


Imagem: Guilherme Stecanella



BOLO DE CHOCOLATE MOLHADINHO

INGREDIENTES

Massa

2 xícaras (chá) de farinha de trigo
1 xícara (chá) de leite
1 colher (sopa) de fermento em pó
2 xícaras (chá) de açúcar
6 colheres (sopa) de chocolate em pó
6 ovos

Cobertura

2 colheres (sopa) de manteiga
2 xícaras (chá) de leite
1 xícara (chá) de chocolate em pó

MODO DE PREPARO

Massa

Em uma batedeira, bata as claras em neve. Acrescente as gemas, o açúcar e bata novamente. Adicione a farinha, o chocolate em pó, o fermento, o leite e bata por mais alguns minutos. Despeje a massa em uma forma untada e leve para assar em forno médio (180 °C), preaquecido, por 40 minutos.

Cobertura

Em uma panela, leve ao fogo médio o chocolate em pó, a manteiga e o leite, deixe até ferver. Despeje quente sobre o bolo já assado.

Valor calórico: aproximadamente 330 kcal por fatia.

MACARRÃO À CARBONARA

INGREDIENTES

Macarrão de sua preferência (espaguete, fusili ou outro)
Bacon picado a gosto
3 ovos
Queijo ralado a gosto
Sal e pimenta-do-reino a gosto
Creme de leite (opcional)

MODO DE PREPARO

Frite o *bacon* até ficar crocante e reserve. Cozinhe o macarrão em água com sal. Em uma travessa, bata os ovos com um garfo e acrescente o queijo ralado, o sal e a pimenta-do-reino. Escorra o macarrão e transfira-o imediatamente, ainda bem quente, para a travessa. Misture rapidamente para incorporar a massa ao creme de ovos e queijo. Acrescente o *bacon* quente e sirva em seguida. Se optar pelo creme de leite, adicione-o ao *bacon* e aqueça antes de juntar à massa.

Valor calórico: aproximadamente 650 kcal por porção.



Prepare o seu lar para ser cuidado pelo amoroso pai adotivo de Jesus

De 19 de dezembro a 19 de março, faça um caminho de oração pela sua família, ao lado de São José



ACESSE O NOSSO SITE **AVEMARIA.COM.BR**
E NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

Black Friday

Descontos de até 80%

ACESSE O NOSSO SITE **AVEMARIA.COM.BR**
E NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



*Promoção válida de 25/11 a 29/11/2026 nas
compras exclusivas em avemaria.com.br

AM
EDITORA
AVE-MARIA